

PALOMA CONDE CAMILLO DA SILVA

COLÔNIA SÃO ROMÃO: ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

**TRÊS LAGOAS
2008**

PALOMA CONDE CAMILLO DA SILVA

COLÔNIA SÃO ROMÃO: ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Área de concentração: Estudos Lingüísticos – como exigência para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

TRÊS LAGOAS
2008

S586c Silva, Paloma Conde Camillo da.
Colônia São Romão: estudo sociolinguístico/Paloma Conde Camillo da
Silva. Três Lagoas,MS: [s.n.], 2008.
111 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Câmpus de Três Lagoas, 2008.
Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira.

1. Colônia São Romão,MS – Estudos sociolinguísticos. 2. Regionalismo. I. Oliveira, Dercir Pedro de. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Três Lagoas. III. Título.

PALOMA CONDE CAMILLO DA SILVA

COLÔNIA SÃO ROMÃO: ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Área de concentração: Estudos Lingüísticos – como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientador: _____

Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

2ª. Examinadora: _____

Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti

3ª. Examinadora: _____

Profa. Dra. Vitória Regina Spanghero Ferreira

Três Lagoas, 23 de agosto de 2008

*À minha mãe-amiga e companheira –
incondicional – Jane Marly Conde, a quem
Deus iluminou de tantas maneiras, e apesar de
não ter tido grandes oportunidades de estudo
como me foi concedido, nem por isso deixou de
se tornar uma profissional reconhecida e bem-
sucedida perante aos outros, o que me orgulha
demasiadamente.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à comunidade da Colônia São Romão, em Coxim, que foi tão hospitaleira, colaboradora e pronta a ajudar durante todo o trabalho de coleta de dados ao entender a importância do estudo.

A Deus por me dar saúde, inteligência e habilidades física e psicológica para lutar pelos meus objetivos pessoais e profissionais, para superar dificuldades que surgiram ou que ainda possam vir a surgir e/ou interferir no dia-a-dia e pela força de continuar seguindo em frente com a mesma garra.

Agradeço a minha mãe pelo apoio, pelo suporte afetivo e financeiro durante meu percurso do mestrado, mesmo eu tendo me afastado um pouco devido a minha necessidade de residir na cidade de Três Lagoas (MS) neste período da pós-graduação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, por ter depositado sua confiança em mim, por ter me incluído em seu projeto Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), no qual adquiri muito conhecimento, pelo apoio financeiro que me foi concedido ao longo dos dois anos e ao grande apoio dado no momento de ir a campo para a tão estimada coleta de dados. E claro, aos ensinamentos concedidos.

Às professoras participantes da banca de qualificação, Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Dra. Vitória Regina Spanghero Ferreira, as quais me auxiliaram e muito ao fazer seus apontamentos em um momento de grande importância como é uma qualificação, pois é nessa situação que podemos enxergar eventuais falhas e, assim, poder aprimorar o texto para uma banca final. E novamente a Profa. Dra. Vitória Regina Spanghero Ferreira em minha defesa final ao lado da Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti, esta na qual foi absolutamente essencial ao fazer suas análises, mais rigorosas, em meu texto histórico, sobre o estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cujo assunto lhe é de grande interesse e conhecimento.

Aos meus ilustres professores nesta pós-graduação, Prof. Dr. Dercir Pedro Oliveira, Profa. Dra. Marlene Durigan, Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra e ainda a Profa. Dra. Claudia Maria Xatara, atual docente da Unesp-Ibilce (São José do Rio Preto), disciplina que cursei fora do Câmpus de Três Lagoas (MS), UFMS, agradeço aos ensinamentos teóricos, indicações de materiais complementares, auxílio quanto à metodologia e caminhos a serem traçados em meu projeto de pesquisa.

Aos funcionários, de maneira geral e sem restrições, do Câmpus I de Três Lagoas (MS), UFMS.

Às amigas verdadeiras que conquistei no Câmpus de Três Lagoas (MS) e em convivência de moradia ou de outra origem: Ana Carina Ribeiro, César Vendrame, Maísa Furtado de Souza, Fabiana Portela de Lima, Giani Vendramel de Oliveira, agradeço por estarem ao meu lado em alguns momentos difíceis que passei durante estes dois anos, mas principalmente agradeço a todos pelos excelentes momentos extra-classe que vou guardar no coração e na memória para o resto de minha vida.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram deste momento de minha vida, a realização de um sonho, incentivando-me e/ou auxiliando-me a cada nova fase e descoberta: o meu sincero agradecimento.

“O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.” (BIDERMAN, 2001, p.179).

RESUMO

O presente trabalho contribui para os estudos sociolingüísticos, ao valorizar os falares regionais, tanto Sul-mato-grossenses quanto o nordestino, já que há a mistura de ambos na fala dos moradores da região pesquisada. O objetivo é verificar as variantes lexicais encontradas na Colônia de São Romão e compará-las aos falares Sul-mato-grossenses. A metodologia empregada é a usual em estudos sociolingüísticos, onde os procedimentos são detalhados, como a delimitação do local, dos informantes, a montagem do questionário e coleta de dados, de acordo com autores citados como Hora (2004) e Tarallo (2006). A base teórica do trabalho está direcionada à sociolingüística, com autores como Alkimim (2005), Bagno (1999), Camacho (2005), Labov (1972), Mattoso Câmara Jr. (1967), Mollica (2004) entre outros. A teoria lexical foi composta por autores como Biderman (2001) e Alves (2007). No primeiro capítulo consta o histórico da região, desde o desmembramento do estado de Mato Grosso com origem do Mato Grosso do Sul até o histórico da Colônia São Romão. No segundo capítulo está a base teórica sociolingüística e lexical. No terceiro capítulo consta a metodologia empregada. No último capítulo constam as descrições e interpretações dos dados, seguido de conclusões finais.

Palavras-chave: sociolingüística; regionalismo; léxico.

ABSTRACT

The intention of this work is to contribute for the sociolinguistic and lexicology studies, as it values the regional speeches, not only the sul-mato-grossenses but also the northeastern ones, because both are used in the speech of the residents of the region in which this research was carried out. Our goal is to verify the lexical variants that were found in Colônia São Romão and to compare them to the Sul-mato-grossense speech. The methodology which is used, is the one that is usually used in sociolinguistic studies, where the procedures are detailed as well as the delimitation of the setting and the informers, the making up of the questionnaire and the data collect, according to some authors who are mentioned like Hora (2004) and Tarallo (2006). The theoretical basis of this work is directed to sociolinguistic, also according to authors like Alkimim (2005), Bagno (1999), Camacho (2005), Labov (1972), Mattoso Câmara Jr. (1967), Mollica (2004) among others. The lexical theory was composed by authors like Biderman (2001) and Alves (2007). The first chapter is about the history of that region, since the division of Mato Grosso State, which has originated Mato Grosso do Sul, and it goes until the history of Colônia São Romão. The second chapter is mostly about the sociolinguistic and lexical theoretical basis, while the third chapter contains the methodology used in our research. Finally, in the last chapter we have the descriptions and interpretations of the data, followed by the final conclusions.

Key-words: sociolinguistic; regionalism; lexicon.

LISTA DE TABELAS

Tabela A – Perfil dos informantes da Colônia São Romão de acordo com sexo, idade e escolaridade	50
Tabela 1 – Arco-celeste.....	56
Tabela 2 – Assistente.....	57
Tabela 3 – Boneca-do-cão.....	58
Tabela 4 – Chuva-de-flores.....	59
Tabela 5 – Cotovelo-do-pé.....	59
Tabela 6 - Fronte.....	60
Tabela 7 - Garrão.....	61
Tabela 8 - Mangará.....	62
Tabela 9 – Marreteiro de gado	63
Tabela 10 - Mocotó.....	63
Tabela 11 – Mofo.....	64
Tabela 12 – Olho-de-boi.....	65
Tabela 13 – Orelha-de-pau.....	66
Tabela 14 – Pai-do-mato.....	66
Tabela 15 - Parideira.....	67
Tabela 16 – Perna-de-cancão.....	68
Tabela 17 – Perverso.....	69
Tabela 18 - Pregada.....	70
Tabela 19 – Quilar o almoço.....	70
Tabela 20 – Rabugem.....	71
Tabela 21 – Raizeiro.....	72

Tabela 22 – Raspa-do-tacho.....	72
Tabela 23 – Satélite.....	73
Tabela 24 – Tira-torto.....	74
Tabela 25 - Traçoeiro.....	75
Tabela 26 – Ocorrências de variantes (homem x mulher).....	76
Tabela 27 – Ocorrências de variantes (escolaridade).....	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	
SITUAÇÃO HISTÓRICA	18
1.1 Mato Grosso	18
1.2 Mato Grosso do Sul	22
1.2.1 Coxim	24
1.2.1.1 Colônia São Romão	25
CAPÍTULO II	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
2.1 Perspectiva sociolingüística	30
2.1.1 Variação e/ou mudança lingüística	33
2.1.2 Preconceito lingüístico	39
2.1.3 A Língua Portuguesa	41
2.2 Léxico	44
CAPÍTULO III	
METODOLOGIA	48
3.1 Procedimentos metodológicos	48
3.1.1 Delimitação do local	48
3.1.2 Delimitação dos informantes	48
3.1.3 Montagem do questionário	50
3.1.4 Coleta de dados	52
CAPÍTULO IV	
DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	55

4.1 Variantes lexicais	55
4.1.1 Descrição das palavras	56
4.2 Variantes fônicas	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

A língua, instrumento de comunicação utilizado entre os seres humanos e que o distingue de outros seres, é a principal fonte desta pesquisa. Porém, o estudo da língua portuguesa, que se faz presente, está relacionado a diferenças regionais na fala dos moradores de uma comunidade pernambucana localizada na região do Estado de Mato Grosso do Sul, na cidade de Coxim.

É válido lembrar que a língua possui variações, divergindo em aspectos espaciais, sociais, individuais etc. Contudo, ressalta-se que a perspectiva social é defendida e levada em consideração pelos estudos sociolingüísticos.

Com toda a diversidade lingüística que existe é possível concluir que não há uma comunidade ou indivíduo com uma única variedade lingüística, mas sim várias, pois o modo de falar de cada pessoa, ou comunidade, é ativado conforme suas necessidades de acordo com a situação. Há também a diferença de vocabulário de indivíduo para indivíduo, pois é preciso lembrar que há fatores que muito influenciam na fala como a idade, grau de escolaridade, sexo, classe econômica, religião etc. As diferenças na fala de indivíduos da mesma comunidade é que os tornam únicos, pois nestas pequenas diferenças é que se notam as peculiaridades da comunidade em questão.

Pelo fato de a língua estar sempre se modificando é que se escolheu o estudo da variação lingüística dentro da comunidade São Romão, a qual possui uma peculiaridade: influência nordestina em sua fala, apesar de se localizar em Mato Grosso do Sul. E a perguntas de pesquisa pertinente a este trabalho é: quais são as variantes e qual o motivo que levou a tal variação.

Apresentamos as variantes lexicais de maior *relevância* para o trabalho. Foram descritas as vinte e cinco variantes lexicais encontradas, lembrando que foram assim consideradas, variantes, por não estarem presentes na fala dos Sul-mato-grossenses de origem, conforme é possível verificar no estudo do *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007), o qual eu participei como colaboradora ao trabalhar como transcritora dos materiais coletados. Logo após, há a apresentação das variantes fônicas seguida de sua quantificação de ocorrências, sendo estas menos detalhadas, considerando-se desnecessária a descrição das palavras por serem compreendidas independentemente da origem regional do informante.

As variantes fônicas foram incluídas com a intenção de verificar se elas variam de acordo com a fala Sul-mato-grossense; se elas coincidem. E foi possível perceber que, em geral, elas coincidiram com as variantes fônicas encontradas no projeto considerado como a base da investigação: ALMS (OLIVEIRA, 2007).

Os moradores da Colônia de São Romão possuem origem nordestina. Estes moradores vieram há pelo menos vinte anos de sua terra natal em busca de melhores perspectivas de vida. A Colônia onde habitam foi loteada no momento em que chegaram à cidade, e como era o local de trabalho da maioria destes pernambucanos, eles acabaram mantendo contato constante entre si. Isso faz com que eles ainda mantenham a fala nordestina.

A pesquisa teve como embasamento teórico a perspectiva sociolingüística, valendo-nos de com autores como Hora (2004), Tarallo (2006), Alkmim (2005), Bagno (1999), Camacho (2005), Labov (1972), Mattoso Câmara Jr. (1967), Mollica (2004) e, posteriormente, nas considerações sobre o léxico utilizamos Biderman (2001) e Alves (2007). Porém, são vários os caminhos percorridos para a realização de tal jornada.

A estrutura da dissertação é a seguinte:

No capítulo I abordamos o contexto histórico. Foi feito o levantamento sobre o histórico do Estado de Mato Grosso do Sul, desde quando ainda era Mato Grosso até sua divisão, em outubro de 1977. Falou-se sobre a cidade de Coxim, onde se encontra a Colônia São Romão, e depois sobre a Colônia e suas histórias: como, quando surgiu, quando e por quem foi loteada etc.

No capítulo II, apresentamos os fundamentos teóricos que serviram de base para os procedimentos teórico-metodológicos presentes no trabalho. Divide-se em duas partes: perspectivas sociolinguísticas, fundamental e imprescindível para estudos relacionados a fala em uso, e teoria lexical, para melhor compreensão das variantes lexicais e variantes fônicas.

No capítulo III constam, detalhadamente, os procedimentos metodológicos adotados durante a execução desta investigação, desde o primeiro passo sobre o estudo da região estudada até a técnica utilizada para analisar os dados coletados.

No capítulo IV consta a apresentação, descrição e interpretação dos dados coletados.

Nas conclusões apresentamos reflexões em relação a toda a descrição e interpretação dos dados.

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO HISTÓRICA

1.1 Mato Grosso

A América foi descoberta pelos espanhóis, os quais se apressaram em tomar posse devido a metais e pedras preciosas que eram facilmente encontradas no país. Porém, os portugueses também queriam ter uma parte de direito sobre as referidas terras. No entanto, foi preciso a intercessão do Papa Alexandre VI, na época a máxima autoridade, para solucionar os conflitos internacionais.

O Papa, por ser espanhol, atendeu aos interesses e refez o acordo entre Espanha e Portugal. Primeiramente, havia uma linha demarcatória, do Pólo Ártico ao Pólo Antártico, de 100 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde, sendo que as terras encontradas a oeste pertenceriam à Espanha e a leste, pertenceriam a Portugal. Revoltado, Dom João III, rei de Portugal na época, ameaçou até mesmo utilizar violência se o acordo não fosse refeito. Refeito o acordo, então, ficou estabelecido que a linha demarcatória passaria a ser de 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde (FERREIRA NETO, 2004, p.23).

Em 1516 houve um naufrágio, na costa do atual Estado de Santa Catarina, de uma expedição comandada pelo espanhol Juan Diaz Soliz. Entre os onze expedicionários que se salvaram, estava Aleixo Garcia, português para alguns, e espanhol para outros. Aleixo foi acolhido pelos nativos, com os quais conviveu durante oito anos, tempo suficiente que o fez se adequar e aderir aos costumes local (FERREIRA NETO, 2004, p.24).

Aleixo deu início à história de Mato Grosso, assim denominado devido a suas inúmeras, elevadas e corpulentas árvores. Ele foi o primeiro homem branco a cruzar o território. Em 1526, em Porto de Itatim, localidade por ele descoberta (FERREIRA NETO, 2004, p.25), *Aleixo* foi assassinado pelos índios Guarani-karijó que o acompanhavam em sua expedição, pois estes estavam insatisfeitos com o seu tratamento abusivo (MARTINS, 2002, p.38).

A mão-de-obra indígena era muito valorizada no Brasil, já que se encontrava com facilidade. Por isso, Raposo Tavares, em 1632, percorreu a região de Mato Grosso, passando por vários rios até chegar ao Pantanal, onde destruiu aldeias inteiras ao fazer suas apreensões para a referida mão-de-obra indígena (FERREIRA NETO, 2004, p.27).

O ouro era mais um objeto de desejo dos invasores. Em 1580, foi descoberta uma jazida de ouro no Pico do Jaraguá, e em 1698, foram descobertas também as minas de ouro de Jacobina, na Serra Diamantina, no rio das Costas, na Bahia e Ouro Preto, em Minas Gerais. Por causa destas descobertas, milhares de europeus vieram ao Brasil, dando início ao ciclo do ouro e a invasão ao Brasil Central (FERREIRA NETO, 2004, p.28).

O Brasil, desde 1850, tinha a intenção de fazer um tratado de amizade com o Paraguai, para que o rio Paraguai ficasse aberto às navegações. Somente em 1858, tendo como representante Visconde de Rio Branco, este tratado foi firmado entre as partes. Porém, com isso, surgiam muitos interessados em explorar o Brasil, nem sempre com boas intenções e muito menos por meios lícitos, como foi o caso de Solano López.

Francisco Solano López, filho do Doutor Carlos Antônio López, tinha interesse em invadir terras do Brasil. Contratou um suposto fazendeiro paraguaio para percorrer a região sul do Estado em busca de novas descobertas. Este suposto fazendeiro passou por várias

terras de Mato Grosso a procura de informações sobre serviços militares, peculiaridades de cada região e fazia promessas às pessoas de futuros negócios.

Em 1748 Mato Grosso passa a capitania, quando desmembrado da capitania de São Paulo. Logo em 1824, torna-se Província.

O Brasil esteve, constantemente, à beira de uma guerra, que finalmente foi declarada no dia 13 de novembro de 1864, quando o barco Marquês de Olinda, do Coronel Frederico Carneiro de Campos, foi detido e confiscado, juntamente com sua tripulação. Somente em 1891 torna-se Estado, governado por Presidentes até 1934 e por governadores a partir de 1935.

Coxim, uma das cidades invadidas durante a guerra, era considerada ponto atípico, devido ao comércio de sal. Com a invasão, o produto teve problema em sua comercialização e tornou-se escasso. O escritor Edgar Monteiro Salgado (*apud* FERREIRA NETO, 2004, p.114) afirma que:

Há milhões de anos passados precisamente, na era glaciária, a região pantaneira se constituía num grande mar, desde a Cordilheira dos Andes ao Planalto Central. A prova que temos dessa afirmativa é a existência de barreiros, em que o gado pantaneiro lambe o sal nele encontrado e as lagoas de água salobra que pontilham o pantanal, em toda a sua extensão. Em Poconé (MT) existe uma fazenda chamada Salinas, em virtude da grande quantidade de sal encontrada em suas terras. Outra prova é a descoberta do salgema, no pantanal boliviano.

Após a invasão, segundo credices, a população teve que sair a procura de barreiros salgados para auxiliar na alimentação. A guerra cessou somente em 1870, quando Mato Grosso começou a viver sua própria história.

A Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança causou muitos efeitos e resultou na redução de 75% da população guarani, em torno de 606 mil paraguaios, e aproximadamente

100 mil brasileiros. Apesar da vitória do Brasil, abalou-se toda a economia e a dívida externa aumentou, o que fez o governo imperial ficar desestabilizado.

Mesmo com a vitória brasileira, alguns paraguaios ocuparam o extremo sul de Mato Grosso, pois o Paraguai ficou desestruturado após a guerra e com isso não havia trabalho. Por isso, houve a influência paraguaia no Estado, e há até hoje, em relação à comida típica, danças, música e bebida.

A erva-mate, por exemplo, é uma bebida típica da região do sul de Mato Grosso. Em 1878, Thomáz Laranjeira, com a exploração da erva-mate, ou Caá¹, ajudou na demarcação de fronteira entre Brasil e Paraguai, por meio de sua firma, a Companhia Mate Laranjeira (FERREIRA NETO, 2004, p.120).

A bebida erva-mate é quente como chá-mate, à moda gaúcha; ou frio, de preferência gelado, mais conhecida como tereré. Nos pantanais, tomar tereré é uma necessidade ou mesmo um vício, pois os trabalhadores bebem quando têm um intervalo no trabalho ou em alguma outra oportunidade, já que a região é muito quente e possui um sol escaldante, e dizem que a erva auxilia na digestão.

O Sul-mato-grossense quando sai para as vaquejadas, além de levar a matula², leva os materiais para preparar o tereré, ou seja, a guampa³, a bomba⁴, a erva-mate, o cantil⁵ ou

¹ Caá: erva-mate, assim a denominavam os silvícolas (FERREIRA NETO, 2004, p.120).

² matula: alimento constituído normalmente de carne seca com farinha, levada no sapicuá, por quem viaja a cavalo, de carreta ou de carro, perfazendo longas distâncias (NOGUEIRA, 2002, p.149).

³ guampa: recipiente feito do chifre da rês, usado para preparar e tomar o tereré ou mate frio (NOGUEIRA, 2002, p.148).

⁴ bomba: pequeno canudo de metal que possui, numa das extremidades, um bojo crivado de furinhos e, na outra, uma parte achatada, por onde se chupa o mate ou tereré, tomado em cuia ou guampa (NOGUEIRA, 2002, p.144).

⁵ cantil: utensílio de alumínio, pequeno, usado para carregar água, nas viagens (NOGUEIRA, 2002, p.145).

uma vasilha para pegar água nos corixos⁶, nas vazantes⁷, enfim, nas aguadas⁸ (NOGUEIRA, 2002, p.134 e 135).

O transporte da erva-mate era um trabalho árduo ao ervateiro⁹. Transportava-se do erval para o barbaquá¹⁰, feito pelo próprio ervateiro. Após a poda da erva, ele a carregava nas costas, por uma distância de, no mínimo, 170 quilômetros. O cálculo do pagamento era feito pela quantia de quilos de erva que ele conseguia carregar. Havia trabalhadores que carregavam até 300 quilos, o que ocasionou várias mortes e casos de invalidez, devido ao excesso de peso (FERREIRA NETO, 2004, p.123).

A Empresa Mate Laranjeira veio mais tarde a construir um porto para a exportação da erva-mate, localizado à margem esquerda do rio Paraguai, onde surgiu o município de Porto Murtinho.

1.2 Mato Grosso do Sul

Em 11 de outubro de 1977, o Estado do Mato Grosso foi desmembrado, criando, assim, o Estado de Mato Grosso do Sul, em cumprimento à Lei Complementar n°. 31, de 04 de maio de 1977. Projeto aprovado pelo Congresso Nacional aos 14 de setembro e sancionado no dia 11 de outubro de 1977 e suas disposições ganharam efetividade a partir de 1°. de janeiro de 1979 (FERREIRA NETO, 2004, p.273).

⁶ corixo: curso d'água que não resiste ao estio prolongado. Permanece, geralmente, coberto de aguapés, camalotes, orelhas-de-onça e outras plantas aquáticas da região (NOGUEIRA, 2002, p.146).

⁷ vazante: porção de campo em terreno baixo e úmido, temporariamente alagado, na época das cheias. Na região, a denominação *vazante* permanece mesmo que as águas sequem, no local (NOGUEIRA, 2002, p.151).

⁸ aguada: água que se encontra nos campos. Água dos rios, corixos, baías, etc (NOGUEIRA, 2002, p.143).

⁹ ervateiro: nome que se dava ao trabalhador que cuidava e colhia a erva-mate (FERREIRA NETO, 2004, p.123).

¹⁰ barbaquá: local de beneficiamento da erva (FERREIRA NETO, 2004, p.123).

O engenheiro Harry Amorim Costa foi nomeado Governador por João Figueiredo, no mesmo dia da instalação do governo, 1º. de janeiro de 1979. Foi quando o Hino de Mato Grosso do Sul foi composto por Jorge Antônio Siufi, em parceria com o coxinense Otávio Gonçalves Gomes, e música do Maestro Radamés Gnattali, ambos pertencentes e membros fundadores da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (NETO, 2004, p.274).

Mato Grosso tinha 94 municípios, após o desmembramento ficou com 39; o recém-criado Estado do Mato Grosso do Sul, ficou com 55 municípios. Ao final do ano de 2000, o Estado de Mato Grosso do Sul estava com 77 municípios e o Estado de Mato Grosso, com 140 municípios emancipados (FERREIRA NETO, 2004, p.30).

A decisão de redesenhar o mapa do Brasil foi tomada em local propício como ambiente palaciano, na presença de elites políticas e empresariais, longe da ditadura, onde se encontravam os adversários do regime (FERREIRA NETO, 2004, p.278).

Nas primeiras décadas do século XVI, ao chegarem à atual região de Mato Grosso, os colonizadores se depararam com um conjunto de sociedades indígenas, muito presentes até o momento. Foi a partir daí que passou a ser considerada uma importante região para a economia do sistema colonial da época, pois lá se encontrava mão-de-obra compulsória.

A presença européia se manteve por cinco séculos na região de Mato Grosso do Sul, e a resistência indígena à ocupação colonial do território foi o auge das relações intercivilizatórias (MARTINS, 2002). O Pantanal Sul-mato-grossense foi a região que mais se opôs à presença destes colonizadores. Isso quase levou ao extermínio dos indígenas.

A maior concentração de população indígena se localiza na Amazônia, já a segunda maior concentração se encontra no Estado de Mato Grosso do Sul, com mais de 50 mil índios (MARTINS, 2002).

Mato Grosso do Sul tem aproximadamente em torno de 350 mil quilômetros quadrados de área, em termos hidrográficos, denominado como região mesopotâmica. Os rios estaduais são navegáveis, o que sempre tornou o Estado um verdadeiro suporte ao intenso tráfego fluvial dos indígenas e coloniais.

1.2.1 Coxim

A palavra Coxim tem duas possíveis significações. Segundo o professor e escritor Arassuay Gomes de Castro, integrante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ela é de origem do dialeto bororo e significa “peixe”. Já para o escritor e advogado João Baptista de Souza, também integrante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a palavra teve origem da etnia dos bororos. E estes observavam atentamente o terreno. Nestes terrenos havia muitos cajueiros silvestres, que os índios encontravam nos rios Coxim e Taquari, por este motivo foi denominado como local dos cajueiros, ou seja, Coxim significa “caju” (FERREIRA NETO, 2004, p.147 e 148).

Em 11 de abril de 1898, Coxim passou de Vila, a Freguesia de São José de Herculânea, à nativista Coxim. E quando era apenas Vila, era subordinada ao município de Corumbá. Após a Guerra do Paraguai, houve um aumento populacional significativo, motivo que levou o presidente da época, Doutor Manoel Joaquim Murtinho, a instituir a Resolução n°. 202, a qual fez nascer Coxim (FERREIRA NETO, 2004, p.149).

Esta cidade possui uma enorme extensão territorial na região do Pantanal, com a maior fauna e flora do mundo, pois o Pantanal Mato-grossense, agregado à bacia do rio Paraguai, é uma das maiores reservas de peixe do mundo (FERREIRA NETO, 2004,

p.151). É uma enorme área alagadiça, com aproximadamente 180 mil quilômetros quadrados, onde há tanto enchente como seca.

Possui um rebanho bovino muito explorado, mas considerado de pouca importância. O couro sim era valorizado, devido a sua exportação pela Bacia do Rio da Prata. Para mudar a situação, os pecuaristas resolveram instalar charqueadas ou saladeiras, para dar início à produção de carne seca ou charque, com o uso de muito sal.

Coxim, a princípio, possuía uma extensão territorial de 53.034 quilômetros quadrados, abrangendo os municípios de Itiquira, Rio Verde, Sonora, Pedro Gomes, São Gabriel D'Oeste, Alcinópolis, Camapuã, Costa Rica e Rio Negro. Já em 22 de abril de 1992, quando se emancipou o distrito de Alcinópolis, Coxim passou a ter 6.430 quilômetros quadrados. A altitude na sede de Coxim é de 238 metros.

1.2.1.1 Colônia São Romão

São Romão, colônia eleita para a presente pesquisa, se localiza na cidade de Coxim, com uma distância de aproximadamente 15 quilômetros do centro da cidade, próxima de Sylviolândia, esta considerada centro comercial e referência à Colônia. Tem Nossa Senhora de Fátima como padroeira e recebeu este nome devido ao seu prefeito Sylvio Ferreira, que fez muito pela cidade. Sylvio Ferreira ergueu um salão para que funcionasse a Escola Municipal.

Em 1964, no dia 22 de setembro, Sylvio Ferreira faleceu e no ano seguinte foi criado o Esporte Clube Sylviolândia. O seu sucessor, Salviano Mendes Fontoura, construiu uma escola municipal maior e que funcionava em dois períodos, também nomeada “Sylvio Ferreira” (FERREIRA NETO, 2004, p.213).

O então governador do Estado de Mato Grosso, Doutor Fernando Corrêa da Costa, após assumir o poder, desapropriou uma parte das terras da fazenda São Romão no município de Coxim, com o intuito de implantar uma Colônia Agrícola, um projeto do Deputado coxinense Salviano Mendes Fontoura.

A área desapropriada pertencia à Empresa Saladeira e Curtume Vasques & Cia. Antes era a Colônia Taquari, que se localizava a margem esquerda do rio Taquari, entre a foz do Córrego da Onça até a foz do Córrego da Figueira (FERREIRA NETO, 2004, p.205).

A Colônia São Romão foi requerida ao Estado, primeiramente, por Emerenciano Ferreira Junqueira e sua esposa Dona Maria Theodoro dos Reis. Uma parte foi adquirida por João Lopes Fontoura, que a denominou como sendo a fazenda Retiro Velho e fazenda Babaçu. A outra parte foi adquirida por Antônio Luiz da Silva Albuquerque (Totó de Albuquerque), no dia 12 de setembro de 1900.

A fazenda foi dividida, sendo limitadas as partes, como seguem abaixo (FERREIRA NETO, 2004, p.206):

Norte: Totó de Albuquerque – foz do rio Coxim com o Taquari, da margem esquerda até a barra do córrego Figueira. Leste: João Lopes Fontoura – subindo da margem esquerda do córrego Figueira, daí a uma linha reta até atingir o cimo da Serra do Jauru, na margem direita do Figueira. Sul: Eduardo José Siravegna – fralda da Serra até atingir a margem direita do Jauru. Oeste: descendo o rio Jauru pela direita, passa pela foz com o Coxim, desce pela direita até atingir a foz com o Taquari.

A fazenda São Romão e casa comercial foram passadas por herança ao irmão de Totó Albuquerque, João Batista da Silva Albuquerque, após sua morte. E este também a passou adiante a seus netos menores, André Virgílio de Albuquerque Neto e Maria José de

Albuquerque. A terra foi, mais tarde, gerenciada por um tutor, já que todos seus herdeiros morreram (FERREIRA NETO, 2004, p.206).

A fazenda São Romão fracassou com o tempo, sua administração não conseguia se manter meio ao comércio e foi então que a firma Manoel Cavassa & Companhia a arrematou. Os donos desta firma passaram a fazenda adiante, para a Empresa Curtume Vasques & Cia. Logo a fazenda teve seus lotes cortados, sob a responsabilidade do agrimensor Gaspar Ries Coelho. Cada lote media 300 metros de largura por 1.000 metros de comprimento, num total de 30 hectares. O primeiro lote pertenceu ao pernambucano Manoel Barbosa de Oliveira e o lote de número 148, pertenceu ao coximense João Vicente Ferreira (FERREIRA NETO, 2004, p.208).

Laucídio Coelho, pecuarista, foi quem fez, mais tarde, com que se loteasse e vendesse os lotes da fazenda São Romão, dando origem à Colônia São Romão. Ele solicitava aos futuros colonos que fizessem suas casas à base de tijolos, que segundo relatos, possuía uma medida de 15m x 45m. Com isso surgiu a comunidade, onde há igreja, posto de saúde, escola etc. A partir deste fato, Coxim fez parte da distribuição de terras, considerada a reforma agrária da época.

Em 1969, chega à região, vindo do Ceará, José Medeiros dos Santos (Zé Preto). Primeiramente, plantou lavoura na Colônia São Romão e depois se fixou, definitivamente, em Sylviolândia, o mais próximo centro comercial da Colônia São Romão, a uma distância de 9 km, que por sua vez, fica a 5 km de Coxim. Os colonos de São Romão percorriam o trajeto, Colônia x Sylviolândia, de bicicleta, meio de transporte mais utilizado por eles, ou a pé.

Entre a Colônia São Romão e Sylviolândia há um Córrego chamado córrego da Onça. Quando houve a destruição da Ponte do Campeiro, arrastada pelas águas do rio

Taquari, Sylviolândia ficou ilhada, assim como o Córrego da Onça. Com isso, a passagem para ir e vir da cidade ficou impedida, e os meios de transportes foram interrompidos. Enquanto se construía uma nova ponte de madeira, o transporte era através de botes, que a prefeitura colocou à disposição dos moradores.

A Colônia São Romão possuía o nome de Laucilândia, devido ao seu primeiro loteador, o pecuarista Laucídio Coelho. Veio, mais tarde a obter este nome, talvez, por ter havido um responsável pelo retiro da fazenda que se chamava Romão. Não se sabe ao certo, segundo relato de um informante da Colônia.

As casas dos colonos eram, a princípio, de pau-a-pique, cobertas por folhas de bacuri ou sapé, passando a ser, posteriormente, cobertas de tábuas de cedro (árvore, hoje, considerada histórica aos coxinenses). A alimentação dos colonos era basicamente mandioca, arroz socado no pilão e feijão. Esporadicamente, carne de porco ou de galinha, com açafrão.

A fonte de renda das Colônias, na época, era o plantio de arroz e milho. Os colonos trabalhavam nesta empreitada durante o ano todo para poderem liquidar com suas dívidas, pagarem seus lotes onde habitavam. O trabalho era todo entregue à Casa Ferreira, esta estimulava e fornecia todo o material necessário para o trabalho e sobrevivência dos colonos, desde telhas para casas, sementes, comida, até mesmo inseticida e remédios. A dívida era diminuída quando terminado o trabalho, e quando este não era suficiente, o saldo devedor passava para o ano seguinte (FERREIRA NETO, 2004, p.209).

Cada lote produzia uma média de 200 sacos de arroz. Em maio colhia-se o feijão, igual aos outros tipos de colheita. Logo após, os lotes eram preparados para uma nova roçada, nova queimada e plantio. O ciclo se completava e assim dava-se início a um novo ciclo, e era assim ao decorrer de todo ano.

As colheitas aumentaram com o passar dos anos, principalmente entre 1958 e 1964, época que surgiram as novas colônias, tais como: São Romão (1962) e Marabá (1963). E isso fez o Estado se sentir obrigado a criar novas escolas, mistas, com a finalidade de educar os filhos dos colonos que ali nasciam (FERREIRA NETO, 2004, p.210).

Conforme já informado, a grande maioria da colônia veio de Pernambuco. As pessoas vinham em busca de emprego, melhores condições de vida e um futuro mais promissor a seus descendentes.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Perspectiva sociolingüística

A sociolingüística tem a mudança e variação lingüística como temas centrais. Para a sociolingüística, a variação é inerente às línguas, sendo que ela pode ocorrer tanto em comunidades como em apenas um falante. E estas variantes e possíveis mudanças podem ser observadas em grupos sociais distintos e até individualmente e serem organizadas por regras.

A sociolingüística enfatiza a relação língua e sociedade, com a finalidade de sistematizar a variação da língua falada (TARALLO, 2006, p.07). O modelo teórico-metodológico apresentado por Labov (1972), na Sociolingüística Quantitativa, apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. E radifica com a concepção saussuriana da língua ao classificar a língua como sendo homogênea e unitária, ao esquecer que a língua(gem) é um fenômeno lingüístico dinâmico e historicamente distinto, possivelmente explicável pelos termos diacrônicos, ou seja, levando-se em consideração os fatos por meio da evolução do tempo (na lingüística), ao perspassar pela sincronia, ou seja, os recortes dos acontecimentos em um determinado tempo.

A sociolingüística é compreendida como o campo de estudo da língua, que nada mais é que um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana, conforme argumenta Tarallo (Op. Cit., p.07). Ela tem como campo de pesquisa o objetivo de sistematizar as variações decorrentes da fala. Para isso, é preciso,

então, obter um *corpus*, aqui no caso seriam gravações de fala em uso real, e descrever cada variável e suas variantes, verificar o que acarreta certas mudanças lingüísticas e quais são os fatores sociais influenciáveis para poder, assim, chegar a um resultado esperado (HORA, 2004).

A língua(gem) e a sociedade estão ligadas entre si desde os primórdios. Não há como pensar em uma sem a outra, simultaneamente. A língua(gem) está completamente relacionada à sociedade, por esta razão, poderíamos questionar sobre o surgimento da Sociolingüística, dentro da Lingüística, sendo que o estudo da língua(gem) envolve, sem dúvida, a sociedade de alguma forma. Seja pelo aspecto da simples comunicação; pela tentativa de se superar dificuldades de comunicação em situações incomuns a um indivíduo; ou como, exemplificado neste trabalho, o estudo das variações na sociedade e sua importância para a evolução e progresso humano.

A língua é fato social, segundo Saussure (1981), pois é por meio do convívio social que as pessoas a adquirem. Ele considera a linguagem como sendo uma faculdade natural que permite, ao homem, constituir a língua (SAUSSURE, 1981). Essa referência que se faz entre língua, cultura e sociedade estão relacionadas a várias opiniões de autores do século XX e que segue sendo discutida e abordada no âmbito da Lingüística.

A língua é considerada, em geral, como sendo coletiva; mas cada indivíduo tem suas peculiaridades lingüísticas, ou ao menos suas preferências, e isso faz com que surjam, então, múltiplas línguas individuais ou *idioletos*¹¹ (MATTOSO CÂMARA JR., 1967, p.27).

Mattoso define, concisamente, que (idem, p.28):

¹¹ Idioleto: É o conjunto dos enunciados produzidos por uma só pessoa, e principalmente as constantes lingüísticas que lhes estão subjacentes e que consideramos como idiomas é, portanto, o conjunto dos usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado (seu estilo). A noção de idioleto implica, ao

Podemos, portanto, definir LÍNGUA como sendo – um conjunto sistemático de elementos vocais que no seu simbolismo intelectual servem à representação mental – e o ESTILO como sendo – uma organização secundária (estética) desses elementos para expressarem a emoção nos impulsos de manifestação psíquica e apêlo.

A Sociolingüística surgiu como uma ramificação da Lingüística em 1964, durante um congresso organizado por Willian Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde participaram vários autores, considerados clássicos na área de estudo da relação entre linguagem e sociedade, como: John Gumperz, Einar Haugen, Willian Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona (ALKMIM, 2005).

O congresso na UCLA fez surgir a publicação de “As dimensões da Sociolingüística”, de Bright (1974), que definiu e caracterizou a nova área de estudo: Sociolingüística. Neste texto, Bright (1974) estabeleceu um roteiro de atividades a serem desenvolvidas na área da Sociolingüística, como a identidade social do emissor ou falante; identidade social do receptor ou ouvinte; contexto social e atitudes lingüísticas, ou seja, a avaliação social que os falantes fazem do próprio comportamento lingüístico e dos outros (ALKMIM, 2005).

O objeto de estudo da Sociolingüística é a língua falada, observada, analisada e descrita em situações reais de uso/contexto social. A comunidade lingüística é o foco deste objeto, pois é nela que há o uso real da língua entre indivíduos que falam a mesma língua, baseado em normas lingüísticas comuns entre eles; relação dos aspectos sociais em conjunto com os aspectos lingüísticos.

contrário, que há uma variação não somente de um país a outro, de uma região a outra, de uma aldeia a outra, de uma classe social a outra, mas também de uma pessoa a outra (DUBOIS et alli, 2004, p.329-330).

As questões lingüísticas voltadas para a modalidade falada têm sido as preocupações dos sociolingüistas, que nas suas investigações têm focado a variação lingüística. Essa importância dada à diversidade da língua envolve aspectos internos (lingüísticos) e externos (a comunidade, a história e a complexidade cultural).

Com a compreensão da língua, conseqüentemente, o surgimento de novos estudos na área faz com que a sociolingüística tenha por propósito estudar a atualização lingüística da fala, observando e descrevendo suas variações e possíveis mudanças. Monteiro (2000, p.09) afirma que:

A sociolingüística tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos, com resultados que se refletem não apenas nas descrições das línguas enquanto sistemas, mas também nas decisões políticas e educacionais exigidas pelas inúmeras questões que a diversidade lingüística vem suscitando no mundo moderno. Tais questões, como por exemplo, a do fracasso escolar devido às dificuldades surgidas pelo pluridialealismo.

Monteiro (2000) diz que a realização da língua se dá, sobretudo, por meio da fala, de acordo com o próprio registro do falante, ou, ainda, pelo dialeto e socioleto, que contribuem também para a identificação cultural, ligada aos hábitos, crenças, relação parental e social do meio onde o indivíduo está inserido. Assim, a modalidade falada relaciona-se com conhecimento de si próprio e o reconhecimento pelo próximo.

2.1.1 Variação e/ou mudança lingüística

As comunidades são ambientes necessários para se verificar o andamento da diversidade e/ou variação da língua, pois nelas encontram-se diferentes modos de falar, as variedades lingüísticas (ALKMIM, 2005). Estas variações podem estar relacionadas a

vários aspectos como a origem regional do falante, sua classe social, suas ocupações, escolaridade e inclusive a situação em que se encontra, naquele exato momento, que pode ser formal e informal.

A mudança lingüística atual está cada vez mais comum, pois o homem possui cada vez mais uma maior capacidade de assumir formas, interagir e se integrar em diferentes situações, mudar conforme a época e situação em que se encontra. A cultura também se modifica com o passar dos anos, o que faz com que as línguas sigam, às vezes com a mesma velocidade, e se transformem a cada dia, surgindo assim, as variações/mudanças lingüísticas.

Para analisar uma mudança lingüística é preciso levar em consideração os padrões de variação que caracterizam determinada comunidade de fala, o momento e os padrões sociais em que esta está inserida. Cada comunidade tem suas características específicas de fala, e quando comparadas entre si fica mais fácil dimensionar o fator que leva a uma variação (HORA, 2004).

O Brasil possui diferenças na fala, principalmente com base nos aspectos fonéticos, lexicais e sintáticos, geograficamente falando. Estas diferenças são consideradas como sistemas variacionais distintos existentes na língua. O “tu”, por exemplo, é um tratamento preferido, por algumas regiões, para interação entre falante e ouvinte. “Eles estudam Sociolingüística” é outra possibilidade de variação existente (MOLLICA, 2004, p.09).

Há várias línguas no mundo e estas possuem seus vários meios de comunicação, o que colabora com as mudanças lingüísticas. A cultura, por exemplo, é um aspecto relevante para o estudo sociolingüístico porque ela influencia, determinantemente, a estrutura da língua. O indivíduo se comunica de várias maneiras, dependendo do contexto

social/cultural em que se encontra. É o caso, por exemplo, dos jovens. Eles procuram sempre se adaptar a determinados grupos, como se adequar à fala ou se vestir e ir a lugares que o grupo frequenta, com o objetivo de serem aceitos pelos participantes de tal grupo.

O jovem é influenciável pela situação/ambiente em que se encontra, principalmente quando tem a real intenção de dele fazer parte. E isso não ocorre apenas em grupos sociais desprivilegiados, mas sim em qualquer nível social. Para provar isso, Labov (1982, p. 80 *apud* HORA, 2004, p.26) fez um estudo no qual demonstrou que as mudanças estão mais presentes em grupos sociais intermediários. Ao contrário do que era dito antes, pois se supunha que as mudanças eram em nível hierárquico, de cima para baixo.

Há mudanças de baixo para cima, em termos de nível social, mas nestas o falante tem o objetivo de se auto-afirmar em sua comunidade, demonstrar sua identidade cultural e assimilação com os demais integrantes. Já a mudança de cima para baixo, tende a ser vista como forma de prestígio, podendo vir até mesmo a se tornar institucional. Há o mito de que o que é dito pelos mais beneficiados, socialmente falando, é sempre correto e um modelo de uso formal a todos.

As línguas apresentam um grande dinamismo e, sendo assim, elas são consideradas parecidas por terem os vários aspectos possíveis de serem analisados independente do idioma. Segundo Mollica (2004), as línguas se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe, da morfossintaxe, do fonético-fonológico e no pragmático-discursivo. O que nos leva a concluir que mesmo se tratando de uma única língua, como exemplo o português, existe dentro dela variabilidade lingüística, assim como é possível em qualquer outra língua.

Camacho (2005, p.56) nos explica a diferença entre variação e variável: “*Varição* se dá quando uma propriedade comum identifica formas alternativas de dizer uma mesma

coisa no mesmo contexto. Já *variável* está ligada a generalizações abstratas, que possui duas ou mais formas concretas de uso”. Tarallo (2006) simplifica ao dizer que um conjunto de variantes recebe o nome de “variável lingüística”.

Em termos diacrônicos, as línguas são sempre continuidades históricas, o que nos remete a dizer que elas estão sempre em transformação. Mudanças temporais sempre estarão presentes em uma determinada língua. No português, podemos citar, entre outros, dois exemplos (ALKMIM, 2005, p.34):

A) português arcaico (entre os séculos XII e XVI): indeterminação do sujeito em construções impessoais era indicada pela palavra “homem”, atualmente usa o pronome “se”. Ex.: “E pode homem hyr de Santarém a Beia [Beja] em quatro dias”, corresponde hoje a “E pode-se ir de Santarém a Beja em quatro dias”; b) forma de tratamento “Vossa Senhoria” usada antigamente como expressão reservada ao rei, o que perdeu esse estatuto de realeza no final do século XVI, passando a ser tratado como arcebispos, bispos, duques, marqueses, condes.

Em termos sincrônicos, podemos notar que as variações estão relacionadas a fatores como pessoas de um mesmo ambiente, como sendo da mesma comunidade, origem geográfica, idade, sexo, nível social e escolaridade.

A mudança lingüística ocorre com base em estudos que comprovem, por um período mais ou menos longo, que há uma variação que já se tornou uma mudança lingüística. Portanto, nem toda variação encontrada na língua pode ser considerada uma mudança. Leva-se algum tempo para verificar se determinada variação está inserida em vários eixos sociais, para aí sim poder considerá-la uma mudança na língua (PAIVA & DUARTE, 2003).

O período de transição é essencial para verificar tais mudanças, pois é quando a variabilidade está em prova nas comunidades. O momento da mudança lingüística é um

processo extremamente lento e gradual, portanto, há, na comunidade, a fase em que as formas “novas” e “antigas” estão presentes ao mesmo tempo. A princípio, existe apenas uma variação, muitas vezes não aceita pela maioria da comunidade porque vai de encontro com formas tradicionais. Porém, com o passar do tempo, a variação pode acabar se tornando uma real mudança. Tarallo (2006, p.84) também argumenta sobre mudança lingüística:

Uma teoria geral de mudança lingüística para ser satisfatória deverá dar conta das condições que determinaram o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término de uma determinada mudança, e, eventualmente a partir de dados analisados de vários sistemas, generalizarem o conjunto de tais condições para a mudança lingüística.

Portanto, as variações lingüísticas podem ser descritas a partir de dois parâmetros básicos: variação diatópica (geográfica) e variação diastrática (social).

A variação diatópica, relacionada à origem geográfica do falante, tem como exemplo o português falado no Brasil (“Não vou lá”) e o português de Portugal (“Lá não vou”). Há também a diferença do português falado no sudeste (“Não sei ou não sei, não”) e o português falado no nordeste (“sei não”), segundo nos relata Alkmim (2005, p.34 e 35). Há, ainda, a diferença entre origem urbana e rural como no estado da Bahia, como é o caso de “de primeiro” usado no lugar de “antigamente” ou “anteriormente”.

A variação diastrática (origem social) está relacionada com a identidade dos falantes e a organização sociocultural da comunidade de fala. Os fatores são classes sociais, idade, sexo, situação ou contexto social.

Com relação à classe social temos como exemplo as seguintes frases e palavras: “ninguém não viu”, “grobo”, “brusa”, para pessoas e/ou comunidades pertencentes a grupos de poder aquisitivo mais baixo.

Quanto à idade, um exemplo é a palavra “maneiro”, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações, concluído como sendo usado por faixa etária jovem. E a palavra “senhora” com a vogal tônica posterior fechada [ɨ], característica de pessoas mais velhas.

Quanto ao gênero, podemos citar o caso dos diminutivos, como “gostosinho” e “vermelhinho”, usados com maior frequência pelas mulheres. E na língua Zuñi, falada na América do Norte por um grupo indígena, os fones [ty] e [c] são usados por mulheres, sendo que o correspondente falado pelos homens é [ky].

Quanto à situação ou ao contexto social, temos as variações de acordo com os interlocutores. Na mesa de um bar, durante uma fofoca ou em um jantar em família, é mais natural que se utilizem termos informais. Já em conferências, congressos ou reunião de trabalho é provável e recomendável que se utilizem, sempre, termos formais. Enfim, todo falante varia sua fala conforme a situação em que se encontra. Estas variações são chamadas de variações estilísticas ou registros. O contexto determina a fala do interlocutor, se a situação será formal ou informal (ALKMIM, 2005).

Na década de sessenta surge a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (1968), com o objetivo de descrever a língua levando em consideração fatores sociais, lingüísticos e tudo em relação a sua variável. Essa teoria afirma que a língua deve ser estudada sempre em contexto social e que não é possível o caminho contrário (HORA, 2004).

A Sociolinguística Variacionista é ferramenta de grande utilidade nestes tipos de pesquisas linguísticas que buscam conciliar indivíduo e sociedade para uma efetiva descrição linguística. É indiscutível a importância de se correlacionar a dimensão social com a estrutura linguística do falante da língua em questão. Para esta teoria, a língua é indiscutivelmente heterogênea, o que contraria teóricos antecessores aos gerativistas.

A sustentação teórica do presente trabalho tem por base o modelo da Teoria da Variação (ou Sociolinguística Variacionista), conforme Labov (1972), por meio da correlação entre as variáveis dependentes e grupos de fatores, a partir da coleta de dados *in loco*, feita com entrevistas com pessoas nascidas na região ou que lá residam desde os dez anos de idade. No caso dos informantes desta pesquisa, os informantes não nasceram na região, mas residem lá há mais de vinte anos.

As pesquisas variacionistas, nos últimos anos, têm demonstrado a importância de um tratamento bidialetológico dedicado à língua. Com isso, há um maior respeito à diversidade linguística existente no Brasil e, conseqüentemente, a expressão de procedência do falante.

2.1.2 Preconceito linguístico

No Brasil há o mito da linguística, entre os não estudiosos da língua, que são aqueles que relatam que o método correto a ser ensinado nas escolas deve ser o tradicional, que o padrão tem que ser a norma culta, clássica e literária. Pensa-se que aqueles que possuem a capacidade de usufruir da norma culta são superiores ou terão ascensão na sociedade. A norma culta é vista como algo pertencente somente a um grupo social

relevante dentro de uma sociedade. Porém, não é bem assim, pois há muitas pessoas bem sucedidas na vida e que não tiveram ou tiveram muito pouco estudo.

A “ascensão social”, relacionada ao mito, refere-se a uma transformação da sociedade, o que é extremamente complicado já que há tanta desigualdade social. Ter conhecimento de norma culta não transformará uma pessoa pobre em rica, ou seja, tentar promover essa “ascensão” social dos marginalizados é considerada uma atitude hipócrita e cínica (BAGNO, 1999).

A variação lingüística não pode ser discriminada, é preciso reconhecê-la, já que nem mesmo com a imposição da norma culta a todos resolverá os grandes problemas sociais já existentes e, conseqüentemente, nem proporcionará melhor oportunidade de acesso à educação em todos os seus domínios, como à cultura, à saúde, à habitação, ao transporte com qualidade e à vida digna.

A discriminação lingüística está profundamente relacionada a outros tipos de discriminação, basta notar onde e com quem se concentra o poder no Brasil: na política. Por isso, é impossível não pensar em política quando se pensa em língua, pois o que é considerado correto e bom, a norma culta, está centrado na política, parte mais poderosa da comunidade. E para mudar essa visão é preciso reconhecer as divergências e cooperar para uma menor desigualdade, em ambos os campos (BAGNO, 1999).

Diante do citado, Bagno (1999, p.15) visa desfazer este mito ao sustentar sua idéia da variação lingüística:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação econômica, de seu grau de escolarização etc.

A Sociolinguística não apóia o julgamento das variações de linguagem existentes, pois se trata de formas alternativas que o sistema lingüístico dispõe ao falante. Cabe à escola o papel de suprir supostas carências socioculturais e o interesse da parte dos alunos para a conscientização a adequação das formas, de acordo com as circunstâncias de comunicação, mas não o julgamento das variações de cada indivíduo (CAMACHO, 2005).

2.1.3 A Língua Portuguesa

A língua portuguesa, língua objeto deste trabalho, teve seu surgimento em meados do século XIII, após a evolução do latim vulgar. Tomou poder somente no século XX, quando a língua portuguesa passou a ser considerada muito importante. No Brasil, há em média uma população de 120 milhões de habitantes em mais de 8 milhões de km², ou seja, em apenas um país da língua portuguesa já há uma enorme população falante de português, numa proporção próxima a de Portugal, fora os outros países que possuem a língua portuguesa como língua oficial. Ainda que a língua portuguesa falada no Brasil tenha suas divergências em relação à língua portuguesa falada em Portugal.

O vocabulário brasileiro possui influências indígenas e africanas. Porém, os negros também possuíam origem de etnia variada, assim como o português que em princípio era o europeu e depois foi se alterando com as mais diversas influências. Essa miscelânea de etnia encontrada no português do Brasil preocupava os escritores e filólogos. Estes queriam que o Brasil se tornasse uma nação com sua própria cultura e literatura, mas não imaginavam ser possível já que nem tinham ainda a própria língua, em seu aspecto puro (TEYSSIER, 2001, p.111).

O português é realmente uma língua relevante, devido ao número de falantes que possui. Quanto maior o número de falantes, maior a possibilidade de haver variações e/ou mudanças lingüísticas.

Quando em 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chegou às costas do nosso país, a terra era povoada por índios. Depois é que se importaram os escravos da África. Porém, quem mais contribuiu com a cultura foram realmente os portugueses (TEYSSIER, 2001, p.94).

Os índios utilizavam a chamada *língua geral*, o tupi simplificado, para se comunicarem entre si. Eles mantinham o próprio idioma, determinado como *língua travada*, ensinando-a a seus filhos, já que a língua portuguesa era ensinada na escola. Com isso, a língua portuguesa e o tupi tiveram que conviver juntas por um período, pois eram as duas línguas utilizadas para a comunicação.

Em meados do século XVIII a língua geral começou a perder seu espaço, pois chegavam muitos portugueses ao país, o que fez cinquenta anos mais tarde a língua portuguesa tornar-se a única língua (ibidem, p.95).

Em 1822, o Brasil se torna independente e começa, então, a deixar-se influenciar por outros países como a França, Alemanha, Itália, entre outros países europeus. O Brasil tomou ares de país do comércio, da indústria e urbanização, e passou a ter uma população com maior número de brancos (ibidem, p.96 e 97).

O português no Brasil também é diversificado, por isso há estudos como este sobre a variação da língua. Há estudo sobre os dialetos relacionados conforme a região, geograficamente falando, e há também sobre os dialetos relacionados ao social.

Os dialetos são menos geográficos que socioculturais, segundo Teyssier (2001, p.98), pois se verificarmos a fala de duas pessoas cultas, mas de regiões diferentes,

observaremos que há menos diferenças do que se pegarmos uma pessoa culta e outra analfabeta da mesma região. Isso deixa claro que para se analisar um dialeto, ou variação é preciso muita cautela e tempo de dedicação. A importância da escolha da comunidade e dos informantes é fundamental para haver coerência na conclusão da análise.

A língua, neste caso a língua portuguesa, é um sistema imaterial e inacessível, pois se constitui de elementos abstratos. Por esta razão é que se volta a afirmar que para evitar arbitrariedades nas deduções de problemas da linguagem é preciso se focar nas observações dos fatos da fala, do material coletado, para então concluir sobre os fatos da língua (BIDERMAN, 2001, p.13).

A fala é um elemento pertencente ao indivíduo, já a língua é um patrimônio social e está exposta a mudanças diante de vários fatores como a cultura, estrutura da sociedade, entre outros. Portanto, não podemos fazer conclusões sobre fenômenos lingüísticos presentes na língua, atualmente, sem levar em consideração aspectos do passado e aspectos extralingüísticos. É preciso compreender os fatores que causaram tais fenômenos, integrá-los à situação em seu contexto, sociolinguisticamente falando (BIDERMAN, 2001, p.14).

Para Mattoso Câmara Jr. (1967, p.21), “[...] a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global.” Enfim, a língua serve para a comunicação social e por meio dela é expressa a cultura de cada indivíduo. E esta cultura também é adquirida através da língua, em seus ensinamentos. A função da língua é, segundo considerações de Mattoso Câmara Jr. (1967, p.22), englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la de geração para geração.

2.2 Léxico

O ser humano, de acordo com sua necessidade de nomear seres e objetos, passou a utilizar o léxico como uma maneira de registrar seus conhecimentos. Distinguiu os seres e/ou objetos semelhantes dos que possuem suas individualidades e assim formaram-se grupos. Dessa forma, deu-se origem ao léxico das línguas naturais.

O léxico é adquirido ao longo de toda a vida do homem, em meio ao convívio com outros homens, por meio de leituras e aprendizados de várias maneiras, como a educação escolar ou o contato com pessoas com as quais convive naturalmente, entre outras situações.

A palavra, há tempos, foi considerada como elemento importante dentro do discurso. Segundo as gramáticas tradicionais, ela é considerada a “unidade operacional básica” (BIDERMAN, 2001, p.105).

O homem possui e adquire seu vocabulário a partir de vários fatores, como vimos anteriormente: sua comunidade, seus costumes, suas crenças, seus hábitos e os diversos ambientes nos quais convive são fatores relevantes para que ele tenha um pré-conhecimento lexical diante de um texto, de uma situação na sua vida social e econômica, diante de acontecimentos que fazem parte de sua vida como um todo, pessoal e social.

O vocabulário de um homem reflete as características da comunidade que ele faz parte, e o caminho inverso também ocorre, no qual a sociedade também é responsável por novas inserções no léxico de uma comunidade. Por isso, o léxico é considerado como um bem cultural abstrato, pois é herdado com o passar dos tempos e, assim, formam-se novas palavras, o que chamamos de neologismo.

Há situações em que o neologismo é criado dentro da língua portuguesa sem que se processe nenhuma mudança formal no léxico já existente. A transformação semântica que acontece em algum item lexical acarreta o surgimento de um novo elemento, é o caso do neologismo semântico ou conceptual (ALVES, 2007, p.62).

As inserções de novos itens lexicais na comunidade lingüística se dão a partir do momento que há a difusão do neologismo conceptual, o que constitui sua aceitação pela comunidade. Neste processo, ao significado básico de um item lexical acrescentam-se outros significados que vão sendo criados pelo processo da neologia semântica (ALVES, 2007, p.66).

O léxico se renova com o passar do tempo; ele vive em constante expansão. O que acontece na sociedade é fator determinante na constituição do léxico, pois as mudanças sociais e culturais podem alterar o uso de certos vocábulos, algumas unidades lexicais podem entrar em desuso ou vir a desaparecer (BIDERMAN, 2001, p.179).

Contudo, o léxico não só vive de inovações, como o caso dos neologismos, mas sim de mudança de significado, por meio da metaforização e metonimização, casos nos quais as palavras adquirem outros sentidos em determinados contextos. E este poder de modificação é nato do falante, que possui esta capacidade de mudar o sentido das palavras em variadas situações. Cabe aqui a citação de Biderman (2001, p.179):

É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência lingüística como os escritores e poetas. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade.

Portanto, o vocabulário do indivíduo ou de uma comunidade toda, é responsabilidade do próprio falante. Ele é capaz de inovar, transformar e criar novas palavras.

Há que se ter cautela quanto aos novos significados que vão sendo adicionados no léxico dos falantes, pois mudanças sempre podem acarretar conflitos e discussões sobre seu correto uso. Porém, é preciso lembrar que nada é definitivo ao se tratar de língua. Conforme argumenta Biderman (2001, p.183):

[...] as categorizações do Léxico não são um fenômeno que se cristaliza e assim permanece. Pelo contrário, as novas categorizações no Léxico de uma língua despertam potencialidades para novas categorizações, donde resulta um reajuste na estrutura léxica.

Segundo a autora, cada língua possui suas categorias lexicais, e, em geral, dois idiomas não possuem o mesmo sistema categorial. É isso que leva às intermináveis discussões quanto às traduções literais, praticamente impossíveis. São raras as equivalências de significação entre idiomas distintos.

Quanto à significação das palavras, há, ainda, uma discussão se elas podem ou não serem definidas fora do contexto. A presente pesquisa mostra esta situação em que as palavras possuem significado/sentido isoladamente, sem que haja necessariamente um contexto. Para os lexicógrafos, os signos léxicos são definidos isoladamente, porém, para alguns lingüistas isso não é aceitável. Como é o caso de Hjelmslev (*apud* BIDERMAN, 2001, p.187):

As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto,

quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo.

Segundo Alves (2007, p.87), o estudo lexical de uma língua permite-nos avaliar a evolução da sociedade, pois toda e qualquer transformação social e cultural está refletida no léxico dessa comunidade.

Por fim, as variantes lexicais que são integrantes deste trabalho foram assim classificadas de acordo com a base de estudos do Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul – ALMS (2007). No projeto do ALMS, há dados computados de acordo com pesquisas e levantamentos feitos durante anos para se detectar o léxico presente em comunidades que fazem parte de tal Estado. Portanto, apesar deste estudo sobre o léxico da comunidade coxinense ter sido levantado e realizado no mesmo Estado do projeto base, encontraram-se variações dentro de uma mesma comunidade.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 Procedimentos metodológicos

Os caminhos são vários para se analisar dados sociolinguísticos, o que determina qual deles será utilizado é a intenção do pesquisador, qual seu verdadeiro foco de trabalho.

A seleção do material recolhido para a pesquisa e a coleta em campo foi determinada e executada. Primeiramente, a região foi escolhida, a Colônia São Romão, e em seguida, estudada para integrar a parte histórica da pesquisa, conforme descrita no primeiro capítulo.

3.1.1 Delimitação do local

A Colônia São Romão está localizada nas proximidades da cidade de Coxim, mais precisamente há 15 quilômetros, pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul.

3.1.2 Delimitação dos informantes

Após a seleção da região, verificamos a população constituinte e chegou-se, então, a delimitação dos informantes. Selecionamos apenas informantes pertencentes à terceira faixa etária, de 45 a 82 anos. Esta escolha foi devido ao maior número de pessoas da faixa etária

em questão e por terem maior tempo de residência no local, já que a maioria não era natural de Mato Grosso do Sul.

A partir da seleção da faixa etária dos informantes foram, então, selecionadas as outras vertentes que fazem parte de uma pesquisa sociolingüística:

- i) sexo: quatro homens e quatro mulheres;
- ii) situação na Colônia: residentes há no mínimo vinte anos;
- iii) escolaridade: quatro pessoas analfabetas e quatro com primário completo, sendo dois casais analfabetos e dois casais com primário completo.

Vale ressaltar que os considerados analfabetos nesta pesquisa são pessoas que nunca freqüentaram o ensino, não sabem nem ao menos escrever o próprio nome, estamos lidando, aqui, com pessoas absolutamente incapazes de se expressar via escrita. E os considerados com primário completo são as pessoas que freqüentaram a escola até a quarta série, mas lembrando que as condições de ensino e aprendizagem destes informantes sempre foram precárias, ou seja, não há uma formação completa e significativa em relação a este conceito de primário completo aqui inserido, estes informantes possuem conhecimento bem básicos quanto à língua.

A seleção dos informantes e suas peculiaridades, que são caminhos necessários para a pesquisa sociolingüística, é uma tarefa importante e exige muita cautela. A boa execução desta tarefa é extremamente relevante para a análise dos dados e suas conclusões finais. Um *corpus* satisfatório é aquele que esteja em harmonia com os objetivos, seja rico em detalhes e auxilie no decorrer do trabalho. A tabela a seguir mostra como ficou o perfil dos informantes desta pesquisa.

TABELA A – Perfil dos informantes da Colônia São Romão de acordo com sexo, idade e escolaridade.

FAIXA ETÁRIA: 45 a 82		
SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
F	48	Analfabeta
F	53	Analfabeta
F	53	Primário completo
F	69	Primário completo
M	62	Analfabeto
M	62	Primário completo
M	62	Primário completo
M	82	Analfabeto

3.1.3 Montagem do questionário

O questionário faz parte de mais um dos processos metodológicos percorridos durante a execução da pesquisa. Ele tem por objetivo a coleta de dados em campo, com a perspectiva de ser o mais fiel possível aos falares da região e, posteriormente, analisado pelo pesquisador.

Foi executado por meio de gravações em gravadores digitais, pois estes possuem melhor qualidade de som no momento da análise. E posteriormente ouvido em um programa próprio para computadores com várias opções de manuseios no momento da audição: selecionar um trecho para ouvir inúmeras vezes, verificar através de gráfico a alternância de tom de voz etc. O programa é o “Cool Edit”, que também possui a função de converter arquivos deste tipo para outros diversos modelos de arquivo de áudio.

O questionário, elaborado com antecedência, foi montado e direcionado a esta população da colônia coxinense, que possui costumes de acordo com o lugar em que vive, costumes de pessoas que residem em área rural. Tal questionário foi baseado no questionário existente no projeto ALMS (2007), o qual possui 552 perguntas sobre natureza

e homem, cada qual com suas subdivisões. Além destas, possui também 47 questões de natureza fonético-fonológicas, e uma parte adicional destinada a narrativas livres. Portanto, o questionário que serviu de base para a formulação de um mais recente e mais direcionado à região aqui em questão, é de extrema relevância, pois integra um projeto reconhecido e financiado por uma instituição de pesquisa do Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e publicado em 2007.

As partes integrantes desta pesquisa, devidamente escolhidas, com um total de 199 questões, são as seguintes:

I) Fonético-fonológico: contêm 47 questões,

II) Semântico-lexical: contêm 152 questões, divididas em subitens, conforme seguem abaixo:

- a) Fenômenos atmosféricos: 20 questões;
- b) Tempo: 05 questões;
- c) Flora: 14 questões;
- d) Fauna: 19 questões;
- e) Homem – corpo: 05 questões;
- f) Doenças mais comuns: 14 questões;
- g) Características físicas (homem): 07 questões;
- h) Cultura e convívio: 12 questões;
- i) Ciclos da vida: 07 questões;
- j) Alimentação e utensílios: 08 questões;
- k) Habitação: 05 questões;
- l) Trabalho e atividades agropastoris: 21 questões;
- m) Brinquedos e diversões: 05 questões,

- n) Outros: 05 questões,
- o) Superstições, simpatias e lendas: 05 questões.

Os subitens que possuem um maior número de questões foram assim determinados por terem maior probabilidade de extraírem dados que fossem típicos da região Sul-matogrossense ou até mesmo específico da Colônia em questão, ou ainda, típicos do Nordeste, pois como já se informou, a maioria dos integrantes são originários de Pernambuco.

3.1.4 Coleta de dados

O trabalho de coletar dados em campo deve ser rigorosamente delineado para que haja o menor índice possível de erros, pois sempre há imprevistos.

A aplicação dos questionários *in loco* foi feita em um tempo determinado e único: um final de semana. Esta viagem a Coxim se deu no dia 19 de maio de 2007, em um sábado, pois é um dia em que a maioria está em suas casas. Esse dia foi assim escolhido, pois durante a semana as pessoas vão trabalhar nas proximidades, o que nos impediria de encontrá-las. Como no sábado todos estavam descansados e bem dispostos, isso nos auxiliou muito no momento da entrevista. Quando o informante está indisposto, ocupado ou atrasado com seus compromissos ele não responde a todas as questões, acaba deixando o trabalho lacunoso ou até mesmo se nega a começar uma entrevista.

As entrevistas foram feitas nas próprias residências dos informantes, sendo que cada um escolhia seu local preferido. Alguns se sentavam à mesa da cozinha, outros preferiam sentar-se em frente a suas casas, onde geralmente havia algum banco ou cadeira, colocados ali para os momentos de entretenimento com vizinhos.

Ao iniciar cada entrevista, era feito um esclarecimento sobre a finalidade do questionamento e, em seguida, preenchida uma ficha com os dados completos do informante. Tal procedimento nos possibilitava checar se ele realmente atendia às necessidades da pesquisa. Apesar do preenchimento dos dados, deixava-se claro que seus nomes não seriam expostos posteriormente.

No momento da aplicação do questionário, o entrevistador se ambientava e tentava deixar o informante o mais descontraído possível, para que os dados fossem espontâneos, de acordo com a realidade do informante. Era preciso, muitas vezes, reformular as questões, pois havia termos muito formais que impediam o entendimento por parte do informante, geralmente dotado de pouca ou nenhuma escolaridade. Ele respondia à maioria das questões, quando não o fazia era porque realmente desconhecia o assunto ou a palavra.

Todas estas etapas do trabalho de campo só nos demonstram, cada vez mais, que diferenças devem ser respeitadas, pois cada um tem a sua devida importância. Cada comunidade, cada nível social tem seu valor pessoal e histórico. Todo ser humano sempre tem algo a ensinar ou acrescentar ao próximo. O respeito às diferenças sociais, raciais e lingüísticas precisa e deve ser praticado. Não há “errado” em termos lingüísticos e sociais, nem o “melhor” em termos raciais, e sim divergências que juntas compõem uma sociedade e sua rica história.

Após todos estes caminhos percorridos durante o trabalho de campo, chega-se o momento, então, da análise dos dados, da interpretação do material coletado. Porém, antes mesmo de se dar início à descrição desta análise, verifica-se quais ocorrências são relevantes para integrar a análise final. As variantes lexicais foram selecionadas conforme sua distinção com relação às variantes lexicais da região. Houve variante mencionada apenas uma vez por um dos informantes, e como há uma quantidade grande de respostas,

devido ao número de questões, não foi possível incluir na interpretação dos dados todas as variantes presentes no *corpus*.

Vale ressaltar, novamente, que o questionário possui um total de 199 questões, sendo 47 fonético-fonológicas e 152 semântico-lexicais. Portanto, se cada informante responder a todas as questões, que foi o caso da maioria, e multiplicarmos por oito informantes teremos um total de 1592 ocorrências, aproximadamente. Por esta razão, por haver um número extenso de ocorrências, é que a escolha foi feita de maneira que estas fossem as mais distintas possíveis do léxico local.

O real objetivo da redução de dados é para que sua apresentação seja a mais direcionada possível a demonstrar as tendências das descobertas realizadas. Neste caso, usamos as tabelas para apresentação dos dados desta pesquisa dialetal, para melhor entender e quantificar as ocorrências das variantes, podendo até mesmo ilustrar as diferenças entre os indivíduos e suas variáveis (GUY & ZILLES, 2007, p.26).

CAPÍTULO IV

Descrição e interpretação dos dados

4.1 Variantes lexicais

É com o objetivo de relatar e compreender as diferenças dentro de uma mesma língua em relação a sua situação geográfica, que o estudo do léxico coxinense se faz presente nesta pesquisa.

A seguir, listamos, em ordem alfabética, as variantes lexicais encontradas. Estas estão relacionadas ao léxico usual do Sul-mato-grossense, comparado aos dados coletados com pessoas nativas de Mato Grosso do Sul, informantes do Projeto *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS, 2007), coordenado pelo professor Doutor Dercir Pedro de Oliveira, conforme já mencionado anteriormente.

Após cada menção de uma variante lexical encontrada, há sua descrição de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004), ou descrição contida no *Dicionário do Nordeste* (NAVARRO, 2004). Quando a variante não é encontrada há apenas uma descrição de acordo com as contidas no *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*, fonte do questionário desta pesquisa. Quando não há nenhuma referência quanto à descrição é porque não houve no Atlas, nem em dicionários, mas foi descrita de acordo com explicações dadas pelos informantes. Logo abaixo dos quadros estatísticos, há uma análise da informação obtida por meio de dados quantitativos de aparecimento de cada vocábulo, assim como reflexões sobre tal ocorrência.

4.1.1 Descrição das palavras

ARCO-CELESTE / ARCO-DA-VELHA: arco-íris; fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de águas suspensas na atmosfera, e que é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente como circunferências inteiras) coloridos com as cores do espectro solar (FERREIRA, 2004).

TABELA 1- Arco-celeste

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				2 25%

A tabela (1) mostra o número de vezes que a palavra “arco-celeste” ou “arco-da-velha” foi mencionada, tanto por homens como por mulheres, e conforme sua escolaridade. Portanto, foi possível notar que há uma diferença entre homens e mulheres. A variante lexical, dentre os homens, apareceu somente com homens analfabetos, já entre as mulheres, somente nas escolarizadas. O total de aparecimento da variante lexical, em geral, foi de 25%, conforme cada caso. Não se trata de uma palavra muito usada, mas relevante para a pesquisa por coincidir com a cultura local e a cultura de origem dos informantes. Os outros que não mencionaram as palavras acima, disseram “arco-íris”, com exceção de um informante que afirmou não conhecer o nome.

ASSISTENTE: pessoa presente a um ato, cerimônia, espetáculo, etc; que assiste ou dá assistência (FERREIRA, 2004). De acordo com *Dicionário do Nordeste* (NAVARRO, 2004, p.43), a palavra “assistência” faz referência, para os nordestinos, à nossa conhecida ambulância. Exemplo: “...de qualquer maneira saíam de automóvel: ou na **assistência** ou no carro vermelho dos cadáveres”, o que difere da explicação encontrada no *Aurélio*, como foi mencionado. Os informantes utilizaram a palavra “assistente” para se referirem a “parteira”, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 2 - Assistente

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	1	2 50%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				2 25%

A tabela (2) mostra que dois informantes masculinos, um analfabeto e um escolarizado, mencionaram a palavra “assistente” para designar “parteira”. Um dos informantes respondeu à questão “a mulher que ajuda as crianças a nascer é?” da seguinte forma: “...assistenti, porque aqui nu matu grossu é partera...”. Enfim, ele confirma que seu conhecimento é oriundo de sua terra natal. Houve 50 % de aparecimento desta palavra entre os homens, índice relevante, já que se trata de alguém com uma função que só cabe às mulheres. É possível que tenha ocorrido diferenças nas respostas masculinas pelo fato dos homens não saberem exatamente o nome que designa a pessoa que faz o parto das crianças, diferentemente das mulheres que conhecem todas pelo mesmo nome: “parteira”.

BONECA-DO-CÃO / BONECA-DO-CAPETA: conhecido como cogumelo (ALMS, 2007).

TABELA 3 – Boneca-do-cão

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	1	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (3) aponta que, novamente, apenas um informante, do sexo masculino e agora escolarizado, disse a palavra “boneca do cão” e “boneca do capeta”, ao mesmo tempo, para designar “cogumelo”. O informante afirma que tal termo é assim utilizado devido ao equívoco que certas pessoas fazem com relação ao cogumelo, com a função de alucinógenos. O restante dos informantes disse palavras diferentes também, conforme é possível de se verificar mais adiante na listagem das variantes lexicais. Houve também uma informante mulher que disse não se lembrar do nome, mas sabia do que se tratava, e uma outra que realmente desconhecia o nome.

CHUVA-DE-FLORES / CHUVA-DE-GRANITO: mais conhecida como “chuva-de-pedra” por ser uma chuva com pedacinhos de gelo (ALMS, 2007).

TABELA 4 – Chuva-de-flores

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	1	2 50%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				3 37,5%

Na tabela (4) foi possível verificar que houve mais homens que falaram “chuva-de-flores” do que mulheres. Dois homens, um analfabeto e outro escolarizado, e uma mulher analfabeta disseram “chuva-de-flores”. Foi questionada a razão da utilização deste termo, já que normalmente usa-se “chuva-de-pedra” ou “chuva-de-granizo”. Os informantes responderam que fica menos assustador dizer “flores”, pois “pedra” lhes causa a impressão de algo extremamente desastroso e prejudicial. O restante dos informantes disse “chuva-de-pedra” ou “chuva-de-granizo”, às vezes até mesmo as duas.

COTOVELO-DO-PÉ: conhecido como tornozelo (ALMS, 2007).

TABELA 5 – Cotovelo-do-pé

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	1	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Verificamos, na tabela (5), que houve apenas um homem que disse a palavra “cotovelo-do-pé”. Perguntou-se se o informante conhecia mais algum nome para designar aquela parte do corpo humano. A resposta foi a seguinte: “...não eu conheço só por cotovelo-do-pé...”. Disse, ainda, que é assim que conhece porque tem a mesma função do “cotovelo-do-braço”: o movimento de dobrar.

FRONTE: testa; porção da face que vai da área de origem dos cabelos aos supercílios e de uma a outra têmpora (FERREIRA, 2004).

TABELA 6 - Fronte

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Na tabela (6) verificamos que houve apenas uma mulher que mencionou a palavra “fronte” para designar “testa”. A informante disse que era assim que ela ouvia quando criança, mas que hoje se fala muito mais “testa”.

GARRÃO: segundo Ferreira significa *afrouxar o garrão*, ou seja, dobrar as pernas e cair; amolecer as pernas, perdendo as forças para subir uma lomba; acovardar-se (o homem) em face do adversário (FERREIRA, 2004). O informante referido na tabela abaixo disse a palavra “garrão” para se referir a palavra “tornozelo”.

TABELA 7 - Garrão

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (7) mostra que apenas um informante, masculino e analfabeto, utilizou a palavra “garrão” para se referir a “tornozelo”. Assim como ocorreu com a palavra que designa tornozelo, no quadro (5). Porém, o que diferencia é que no outro caso, o informante era um homem escolarizado e agora se trata de um homem analfabeto. Isso só comprova que as variantes não escolhem nível social, racial ou mesmo ideológico. A língua falada é democrática e universal, e é nisso que a sociolinguística se baseia: mais democracia e menos preconceito. Não há como controlar a evolução, progressão ou regressão de uma língua falada. Todos fazem uso dela e é assim desde sempre.

MANGARÁ: ponta terminal da inflorescência da bananeira, formada pelas brácteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas; coração (FERREIRA, 2004). Segundo Navarro (2004, p.223), trata-se de uma “palavra de origem tupi (“mãga’rá”). O chamado coração ou ponta da bananeira, na verdade a ponta da inflorescência da mesma...”, observa-se que se aproxima da explicação dada pelo *Aurélio*, conforme acima citado. Os dados abaixo foram mencionados por informantes que disseram a palavra “mangará” para se referirem a “umbigo”.

TABELA 8 - Mangará

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		2	1	3 75%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				4 50%

A tabela (8) revela que a palavra “mangará” foi proferida mais pelos homens que pelas mulheres. Dois homens analfabetos e um homem escolarizado disseram “mangará” para o “umbigo” do cacho da banana, totalizando 75 % dentre os homens. Somente uma mulher analfabeta mencionou a mesma palavra. O total geral não indica que esta palavra, não tão usual aos Sul-mato-grossenses, está completamente presente em outro Estado, como é o caso de Pernambuco. Porém, em relação somente aos homens, há uma boa amostra desta diferença geográfica. Há uma possível explicação para tal ocorrência se pensarmos em termos de ofício. O homem rural trabalha com coleta de frutas, legumes, entre outros, por isso há quase uma equalização entre eles, o que já não ocorre entre as mulheres. Talvez o termo seja mais conhecido, realmente, entre os homens.

MARRETEIRO DE GADO: segundo Ferreira (2004), no Estado de SP entende-se por marreteiro um vendedor ambulante, já no Nordeste, como consta em Navarro (2004) é considerado marreteiro uma pessoa vigarista, trapaceira, ladrão. Os informantes abaixo disseram “marreteiro de gado” para se referirem a “boiadeiro”.

TABELA 9 – Marreteiro de gado

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	1	2 50%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				2 25%

Na tabela (9) é possível verificar que a palavra em questão está mais relacionada à denominação de função trabalhista do homem. Disseram, no entanto, 50 % dos homens, um analfabeto e outro escolarizado, a palavra “marreteiro de gado” para a função de “boiadeiro” (pessoa que compra e vende gado). Entre as mulheres houve muita dúvida, com variação entre “gerente”, “comprador” e “vendedor”. Houve, ainda, aquelas que não souberam responder e desconheciam o nome.

MOCOTÓ: pata dos animais bovinos, destituída do casco, e que se usa como alimento; tornozelo (FERREIRA, 2004). De acordo com Navarro (2004), “mocotó” designa pessoa “mão-de-vaca”, mas também é sinônimo de “tornozelo”.

TABELA 10 - Mocotó

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

É relevante mostrar, de acordo com a tabela acima, como o vocábulo “mocotó” foi utilizado pela informante. A mesma disse conhecer a referida parte do corpo somente como “mocotó”, desde sua infância. Salientamos que a palavra “mocotó”, hoje em dia, é usada para fazer referência a um doce muito comum e antigo que é feito das partes do boi, segundo Ferreira (2004) é destituída do casco do animal. E pelo fato de não se utilizar atualmente a palavra com a mesma função apontada pela informante, é que ela foi incluída na listagem de variantes lexicais.

MOFO: bolor; ranço (FERREIRA, 2004).

TABELA 11 - Mofo

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Com relação à “mofo”, pôde-se verificar, na tabela (11), que a palavra foi dita somente por um homem analfabeto. E entre as mulheres houve um resultado atípico, pois três delas desconhecem o nome e até mesmo do que se trata. E, por fim, uma mulher, escolarizada, disse “cogumelo”.

OLHO-DE-BOI: arco-íris incompleto; acúmulo de grossas nuvens no horizonte, prenunciadoras de um tufão (FERREIRA, 2004). Em Navarro (2004, p.253) foram encontradas diversas descrições para a palavra referida, tais como: no “Nordeste é sinônimo de exoftalmia, uma saliência acentuada num dos globos oculares; na BA é quando o arco-

íris não aparece por inteiro; em SE é uma espécie de mármore com grandes manchas; e em PE é sinônimo de “zero”: “fui *filar* na hora da prova e tirei o maior *olho-de-boi* em matemática”.

TABELA 12 – Olho-de-boi

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

“Olho de boi” foi usado por uma única pessoa, conforme demonstra a tabela (12). A mulher, analfabeta, explicou a diferença entre “olho de boi” e “arco-íris”. Ela disse que o “olho de boi” acontece antes de chover, indica que a chuva virá, ao contrário de “arco-íris”, que indica que já choveu e não choverá mais. É importante ressaltar certas palavras distintas das usuais, principalmente quando o informante nos explica a razão de usá-las. Apesar de o informante ter usado de uma maneira em que, segundo Navarro (2004), é mais usada na BA, e ainda nos ter fornecido a explicação acima, o que foi possível constatar é que pode ter havido uma mudança desde a época em que o informante deixou o local, já que é residente há muitos anos no estado de Mato Grosso do Sul. A referida palavra pode, realmente, ter deixado de ser usada, sendo substituída por outra semelhante.

ORELHA-DE-PAU: urupê (fungo da família das poliporáceas); píleo (a porção esporígena dos fungos agaricales; chapéu, orelha-de-pau) (FERREIRA, 2004).

TABELA 13 – Orelha-de-pau

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		0	2	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Verificamos na tabela (13) que somente um homem analfabeto utilizou a palavra referente, e ele justificou sua resposta dizendo que como se dá no pé das árvores, nos cantos, definiu-a dessa maneira. Esta palavra foi aqui incluída por não ter ocorrido em materiais coletados na região com pessoas de origem Sul-mato-grossense, por este motivo achou-se relevante a sua descrição.

PAI-DO-MATO / MÃE-DO-MATO: conhecido como “saci-pererê”.

TABELA 14 – Pai-do-mato

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		1	1	2 50%
TOTAL GERAL				2 25%

Observamos na tabela (14) que houve duas mulheres de nível escolar diferente, uma analfabeta e uma escolarizada, que responderam da mesma maneira. A mulher analfabeta disse “pai-do-mato” e a mulher com o ensino primário completo disse “mãe-do-mato”, mas

ambas se referiram ao mesmo personagem: “saci-pererê”. Esta questão, sobre lendas e personagens, era uma das últimas. Ela está mais voltada à narrativa. A real intenção era que os informantes relatassem acontecimentos de sua infância, porém, entre os homens não houve nenhuma resposta. Notou-se que eles não gostam de contar histórias, lendas ou mitos, nem mesmo sobre sua infância. Com isso, há uma constatação de que as mulheres são mais comunicativas e falantes, já os homens são mais reservados e seletivos em relação ao que vão falar. Percebia-se que mesmo quando eles conheciam algum mito, lenda, ou que tinham histórias para contar sobre sua infância, preferiam calar-se. Acredita-se que os homens são mais fechados por motivos de confiança: eles conversam ou contam muitas coisas de sua intimidade quando alguém lhe é muito confiável e conhecido, diferentemente das mulheres, que não têm muita dificuldade em trocar confidências.

PARIDEIRA: que está em idade de parir; que pari anualmente (FERREIRA, 2004). De acordo com Navarro (2004, p.264), “parideira” é “mulher que tem muitos filhos, que tem filhos demais”.

TABELA 15 - Parideira

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				2 25%

A tabela (15) mostra que a palavra “parideira” foi utilizada por 25 % dos informantes. Independente de ser homem, mulher ou no total geral, o valor é o mesmo. O

que nos mostra uma equivalência de uso entre os sexos e também em relação ao nível escolar entre os informantes, já que foi usada somente por informantes não alfabetizados. Apesar de a palavra ser parecida com a do questionário fonte (parteira), e compreensível, independentemente da região, foi considerada uma variante lexical por haver pouca ocorrência da mesma em dados coletados com verdadeiros Sul-mato-grossenses, nascidos no estado e que nunca emigraram, como consta em dados do projeto *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*.

PERNA-DE-CANCÃO: “cancã” é uma ave falconiforme, falconídea comum em todo o País, de coloração preta e coberteiras superiores, base e ponta da cauda brancas; quando jovem, é preta pintada de amarelo (FERREIRA, 2004). A informante que disse “perna-de-cancão” deu tal resposta para se referir a perna fina das mulheres, que geralmente é mais conhecida como “perna-de-saracura”.

TABELA 16 – Perna-de-cancão

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (16) relata que apenas uma mulher, analfabeta, disse a palavra “perna-de-cancão” para se referir às pernas finas das mulheres que, em geral, são chamadas de “perna-

de-saracura” ou “perna-de-siriema”, conforme muitos responderam. Por ter sido divergente das outras respostas é que mencionamos aqui a palavra acima.

PERVERSO: que tem malíssima índole; muito mau; malvado (FERREIRA, 2004).

TABELA 17 - Perverso

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A palavra “perverso”, conforme a tabela (17) notifica, foi usada somente por uma mulher escolarizada. Tivemos dúvida quanto à interpretação por parte da informante, portanto a pergunta foi refeita de outra maneira, pois a acepção no dicionário está mais direcionada a personalidade de uma pessoa e não a uma característica da fase de uma criança. Porém, a informante confirmou ter compreendido a pergunta e diz realmente usar este termo para crianças deste tipo, que fazem bagunça e que dão trabalho em determinada fase da vida. Todos os demais informantes disseram “arteiro” ou “danado” para definir uma criança que faz arte e mexe em tudo.

PREGADA: segundo mostra Ferreira (2004), no Nordeste entende-se por “pregada” um ferimento com instrumento perfurante; ferrada; como consta, também em Navarro (2004). Porém, o informante usou tal palavra para expressar “banana gêmea”.

TABELA 18 - Pregada

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Verificou-se, na tabela (18), que apenas uma mulher, escolarizada, disse a palavra “pregada” para se referir às bananas gêmeas. Realmente, entende-se como se elas, as bananas, estivessem pregadas. Porém, há uma variação mais usada pelas pessoas, em geral, que é a palavra “Filipe”. Conforme consta em Ferreira (2004), “Filipe” é uma derivação regressiva de Filipina, e esta é considerada como “amêndoa de caroço duplo, e de frutas inconchas, as quais, partilhadas entre duas pessoas, dão àquela que no primeiro encontro se referir ao fato o direito de reclamar da outra um presente”. Quando não utilizam esta palavra, em geral dizem “gêmeas”.

QUILAR O ALMOÇO / FAZER O QUILO: referente à *cesta* que as pessoas fazem após o almoço (ALMS, 2007).

TABELA 19 – Quilar o almoço

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				2 25%

Esta expressão da tabela (19) constitui uma novidade em relação a dados já vistos anteriormente pela pesquisadora. Ouve-se muito falar em “descanso”, “cochilo” e “cesta”, sendo a última palavra a mais esperada como resposta, já que os Sul-mato-grossenses a utilizam muito, devido à influência de países vizinhos de língua espanhola. Verifica-se que foi uma porcentagem razoável em relação a outras variantes lexicais que surgiram anteriormente. Houve 25 % de cada sexo escolarizado, ou em relação ao total geral, independentemente. É considerável que a relatemos aqui, pois neste caso é demonstrado que para certas palavras a origem dos informantes se mantém plenamente viva e atuante, já em outros casos, percebe-se que a influência local está tendo efeito, mesmo que aos poucos e a longo prazo.

RABUGEM: doença de cães, semelhante a sarna (FERREIRA, 2004).

TABELA 20 - Rabugem

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (20) indica que apenas um homem analfabeto disse “rabugem” para se referir à doença dada em animais, mais conhecida como “sarna”, os demais realmente disseram “sarna”, homens e mulheres, com exceção de um homem que disse “micose”.

RAIZEIRO: curandeiro que trata de doenças valendo-se de raízes vegetais (FERREIRA, 2004). De acordo com Navarro (2004, p.299), “raizeiro” é “aquele que cura através de raízes vegetais, *doutor-de-raiz*”.

TABELA 21 - Raizeiro

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	1	1 25%
Mulher		0	0	0 0%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (21) nos informa que a palavra “raizeiro” foi utilizada por um homem escolarizado, os demais informantes disseram “curandeiro”, “curador” ou “garrafeiro”, sendo que apenas uma pessoa utilizou esta última palavra. Vale lembrar que estas últimas três palavras, em geral, aparecem no ALMS (2007), onde os informantes são de Mato Grosso do Sul.

RASPA-DO-TACHO: utilizada para se referir ao filho caçula (ALMS, 2007).

TABELA 22 – Raspa-do-tacho

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

A tabela (22) demonstra que apenas uma mulher, escolarizada, mencionou a palavra “raspa-do-tacho” para se referir ao filho “caçula”. O restante, sem exceção, disse “caçula”. A explicação da informante é de que o filho caçula é o último e a “raspa-do-tacho” é fim da comida na panela, ou seja, dá a mesma idéia de último, fim de algo.

SATÉLITE / PLANETA: corpo celeste que gravita em torno de outro, denominado principal; secundário (FERREIRA, 2004).

TABELA 23 – Satélite

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		1	0	1 25%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				2 25%

A tabela (23) refere-se às palavras “satélite e/ou planeta” que foram utilizadas por um homem e uma mulher, analfabetos. Eles disseram estas palavras para se referirem à “estrela cadente”, sendo que os demais informantes nem sequer sabiam dizer algum nome. A maioria desconhece o nome que se dá a este tipo de fenômeno, diferentemente de quando questionamos sobre a maior estrela, que até podemos enxergar durante o dia, a “estrela D’Alva”, conhecida pela maioria das pessoas. Havia um mito entre os povos antigos de que existiam duas estrelas, uma da manhã e outra da tarde. Porém, tratava-se da mesma, o planeta Vênus.

TIRA-TORTO: café-da-manhã (ALMS, 2007).

TABELA 24 – Tira-torto

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		1	0	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Esta palavra não é estranha aos Sul-mato-grossenses, aliás, foi por causa disso que ela foi incluída na listagem. No Mato Grosso do Sul ela é usada normalmente como “quebra-torto”, a mais utilizada no Estado para se referir ao café-da-manhã que é a pergunta da pesquisa. Com isso, foi possível verificar que os pernambucanos, maioria dos informantes, a desconhecem, pelo simples fato de nem sequer a terem mencionado, e também porque em alguns momentos os entrevistadores chegaram a citá-la e perguntar se eles já tinham ouvido falar, e a resposta foi negativa. Foi com esta intenção que citamos esta palavra aqui, para mostrar que é realmente uma palavra Sul-mato-grossense, ou pelo menos pertencente e conhecida pelos habitantes e/ou vizinhos da região. Vale lembrar que a informante que citou tal palavra é de Cuiabá - MT. Vale ressaltar, ainda, que há duas variantes para esta palavra: “tira-torto” (segundo a Mato-grossense) e “quebra-torto” (mais utilizada pelos Sul-mato-grossenses).

TRAIÇOEIRO: relativo à traição (FERREIRA, 2004). Palavra utilizada pela informante para se referir ao homem “corno”, “traído”.

TABELA 25 - Traíçoeiro

Sexo	Escolaridade	Analfabeto	Primário completo	Total
Homem		0	0	0 0%
Mulher		0	1	1 25%
TOTAL GERAL				1 12,5%

Nesta última tabela de número (25), verifica-se que uma mulher, escolarizada, utilizou a palavra “traíçoeiro” para se referir ao homem traído pela mulher, ou mais comumente conhecido como “corno”. Porém, o uso habitual da palavra é quando a utilizamos para dizer que uma pessoa é “traíçoeira” e não para aquele que foi traído. Tivemos uma dúvida quanto à compreensão da pergunta por parte da informante, pois de acordo com dicionário, “traíçoeiro” é quem trai e não quem é “traído”. Por tal motivo a questão foi reformulada. Enfim, com base na mesma resposta dada, pôde-se constatar que a informante realmente tem esta palavra para designar o homem traído. Em geral, as respostas variaram entre “corno” e “chifrudo”, não havendo abstenção de resposta.

Após a listagem das variantes lexicais, suas descrições encontradas no dicionário da língua portuguesa e específica da região de Pernambuco, bem como suas considerações, cabe fazer uma análise relacionando a frequência das variantes lexicais em contraste com *homem x mulher* e *alfabetizados x não alfabetizados*.

Segue abaixo uma tabela quantificando o aparecimento das variantes lexicais, conforme a primeira comparação sugerida: *homem x mulher*.

TABELA 26 – Ocorrências de variantes (homem x mulher)

Quantidade de variante	Homem	Mulher	Ambos os sexos ao mesmo tempo
25	09	10	06
Total / Porcentagem	36%	40%	24%

A partir da tabela (26), pôde-se verificar que houve maior ocorrência de variante lexical entre as mulheres, independente de nível escolar, pois quantificamos apenas de acordo com o sexo do informante. Com base nesta informação, fica claro que, neste estudo, as mulheres possuem um maior número de conhecimento de palavras distintas, já que quando questionadas sobre o conhecimento de variações para uma palavra ou algum vocábulo mais regional, elas diziam ter conhecimento, mas não costumavam utilizá-las. A partir da tabela, então, podemos constatar que as mulheres absorvem um maior número de variantes lexicais, podendo ser através da comunicação com outras pessoas da região, como em circunstâncias como fazer uma compra em mercado, levar suas crianças para o lazer na cidade, entre outras. Já os homens, conforme já mencionado, tendem a se comunicar apenas com pessoas conhecidas, o que diminui consideravelmente a possibilidade de adquirir novas palavras em seu vocabulário.

O menor número de ocorrência de variantes lexicais se deu quando a variante era conhecida por ambos os sexos, ou seja, a coincidência de conhecimento do mesmo vocábulo entre homens e mulheres, simultaneamente. Isso demonstra que há uma diferença entre homens e mulheres quanto ao nível de influência que ainda possa haver em suas falas em determinados vocábulos. Houve uma considerável quantidade de variantes encontradas na fala dos homens. Porém, é interessante observar a porcentagem em relação à ocorrência

que se dá em momento simultâneo entre homens e mulheres. Podemos entender que esta questão do momento simultâneo de variante lexical entre homens e mulheres é menor, em relação à variação dada em momento separadamente por sexo, pelo motivo de que as chances de ambos os sexos dizerem a mesma palavra são pequenas, pois, às vezes, alguns vocábulos são mais conhecidos por homens e vice-versa. Nota-se este tipo de ocorrência quando a palavra está relacionada a labor, e quando se relaciona a práticas domésticas, alimentos entre outros, as mulheres dificilmente hesitam em responder. Porém, a diferença entre os sexos nesta tabela não foi tão grande quanto em relação ao nível de escolaridade, conforme é possível de se verificar na tabela abaixo.

Segue, abaixo, tabela demonstrativa de ocorrências de variantes lexicais em relação ao nível de escolaridade dos informantes.

TABELA 27 – Ocorrências de variantes (escolaridade)

Quantidade de variante	Analfabeto	Primário completo	Ambos os níveis de escolaridade
25	11	08	06
Total / Porcentagem	44%	32%	24%

Em relação à quantificação do aparecimento das variantes lexicais, a tabela (27) mostra que houve maior diferenciação das porcentagens entre alfabetizados e não alfabetizados, enquanto entre os sexos houve um distanciamento menor. A única porcentagem que se manteve foi quanto ao aparecimento da palavra em momento simultâneo entre os níveis de escolaridade, o mesmo ocorreu quando foi feita a comparação

entre os sexos. O dado estatístico nos faz supor que os analfabetos tendem a manter palavras que aprenderam e/ou adquiriram durante sua infância até meados da adolescência ou começo da fase adulta, pois foi quando nossos informantes deixaram sua terra natal. Com isso, podemos compreender que os não alfabetizados têm maiores dificuldades para adquirirem novas palavras, mesmo que mantenham contatos fora da Colônia, pois se compará-los os que freqüentam um ambiente de ensino ou que têm maior acesso a vários tipos de informações está mais propício a adquirir novos vocábulos.

Os informantes desta pesquisa, portanto, passam por certas restrições no que diz respeito à aquisição de conhecimentos específicos da região de Mato Grosso do Sul, pois eles possuem algumas limitações como o ensino fora da Colônia, maior oportunidade de entretenimento com a cidade de Coxim, onde residem pessoas nativas da região etc. Há uma escola na Colônia, que seria uma fonte para este novo conhecimento regional, porém, a professora também é moradora da Colônia, pernambucana. De fato, os moradores convivem mais entre eles mesmos. Isso dificulta, e muito, a modificação de seu vocabulário, principalmente dos analfabetos que não podem sequer obter novas aquisições por meio de leituras. Tal fato colabora para o esclarecimento de que os analfabetos da Colônia São Romão conhecem e falam mais variantes lexicais, consideradas variantes por não serem regionais, Sul-mato-grossenses, e sim da terra natal da maioria dos informantes. Porém, nem todos se mantêm tão isolados de falares regionais, como foi possível de se notar em certos momentos.

Em geral, os alfabetizados da Colônia São Romão realmente adquiriram mais o léxico regional por estarem de alguma forma mais em contato com o aprendizado local, eles possuem maiores chances de estarem empregados, adquirirem conhecimento com suas

leituras, estudos ou até mesmo contato com pessoas nativas do local, por meio de emprego fora da Colônia.

4.2 Variantes fônicas

Listamos, abaixo, as variantes fônicas encontradas no *corpus* da presente pesquisa, com a quantificação entre parênteses. Como algumas pessoas desconheciam as respostas, há uma somatória nem sempre igual ao número total de informantes.

Pôde-se notar, conforme listagem das palavras abaixo, que algumas possuíam uma ou duas variações, chegando às vezes a quatro ou cinco.

Estas variantes fônicas abaixo foram contrastadas com os dados do projeto *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* e foi possível concluir que elas, em geral, são semelhantes, independentemente da origem do informante.

1) Compadre:	cumpadri (7) cumpadi (1)
2) Cumadre:	cumadri (7) cumadi (1)
3) advogado:	advogadu (1) adevogadu (6) devogadu (1)
4) Revólver:	revólvi (5)
5) Paz:	paz (1) paiz (7)
6) Fervendo:	fervendu (3) fervenu (4) feivenu (1)
7) Clara (de ovo):	clara (7) crara (1)
8) Santo Antonio:	sãntãntoni (4) sãntãntonhu (4)

9) Procissão:	procissão (7) pocissão (1)
10) Cruz:	cruz (3) cruiz (3) cruzeru (2)
11) teia de aranha:	teia (3) tela (1) telha (3)
12) Piolho:	piolhu (3) pioiu (5)
13) Molera:	molera (3) mulera (3) morera (1)
14) Ouvido:	ouvidu (5) ovidu (1) zovidu (2)
15) Pulmão:	pormão (3) polmão (1) pulmão (1) purmão (3)
16) Joelho:	jueiu (1) juelhu (7)
17) Solução:	soluçu (4) saluçu (4)
18) Colher:	colher (1) culher (5) cuié (1) culé (1)
19) garfo:	galfu (8)
20) fósforo:	fósfu (3) fósfuru (4) fósfru (1)
21) Nuvem:	nuvi (4) nuveim (4)

22) Neblina:	neblina (1) nebrina (3) lebrina (1)
23) Relâmpago:	relampu (5) relampianu (2) relâmpagu (1)
24) Pomar:	pomar (4) pomal (3)
25) Poncã:	polcã (2) pocã (5)
26) Sucuri:	sucuri (2) sicuréia (1) sicuri (5)
27) cérebro:	célebru (1) cérebru (1)
28) Terçol:	treiçol (6) teiçol (1)
29) Calcanhar:	calcanhá (2) carcanhá (5)
30) Icterícia:	tiriça (7)
31) Carnicão:	carnegãu (5) carregãu (1)
32) Erisipela:	sipela (3) isipela (1) isipeli (2) sipeli (1)
33) Caolho:	caoi (1) zanoi (2) zaroi (1) caolhu (2) caoi (1)
34) Corcunda:	cacundu (2) cocundu (3)
35) Amasiado:	amasiadu (2)

	amigadu (2)
	amancebadu (2)
	masiadu (1)
	mancebadu (1)
36) Vagem:	vaginha(1)
	vagi (1)
	bagi (6)
37) Cabra-cega:	cabra-cega (1)
	cobra-cega (7)

Estes exemplos de variação fônica foram assim citados por serem considerados os mais frequentes, principalmente quando relacionados a outros trabalhos feitos por pesquisadores do projeto ALMS, aqui no caso, em contrapartida com a pesquisa de Carisiane de Cássia Pires (2005).

Esta pesquisa tem sua maior concentração voltada ao aspecto semântico das palavras encontradas na Colônia São Romão. O aspecto fonológico foi incluso para que houvesse este contraste entre as partes: de que vocabulário, em geral, varia de acordo com região, o que não ocorre com a mesma intensidade ao se tratar de fonética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui pautado mostrou que o léxico de uma comunidade pode ser vulnerável a certas condições de seus informantes. Esta pesquisa nos ilustrou que uma antiga comunidade localizada na cidade de Coxim, pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul, na verdade tem grandes influências nordestinas, pois seus integrantes emigraram de suas terras em busca de melhores condições de vida.

O estudo das variantes lexicais, base de estudo desta pesquisa, somado a algumas citações de variantes fônicas, foi feito por meio de entrevistas e a partir de então relacionadas com o léxico que compõe a fala de pessoas de origem Sul-mato-grossense.

As variantes lexicais integrantes desta pesquisa foram classificadas de acordo com a fonte inspiradora: *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS, 2007). No projeto ALMS (2007) há dados computados de acordo com pesquisas e levantamentos feitos durante anos e que detectaram o léxico presente nas comunidades de Mato Grosso do Sul. No entanto, apesar do presente estudo ter sido realizado no mesmo Estado, houve algumas divergências, estas são citadas neste trabalho com quadro ilustrativo do número de ocorrências de cada uma delas, entre os diferentes fatores extralingüísticos (homem, mulher, analfabeto e primário completo). Alguns exemplos diferiram muito do trabalho fonte, portanto, incluímos abaixo destes exemplos atípicos explicações para tais acontecimentos, como ocorreu com a variante “perverso”. A informante relatou que criança que faz arte é considerada “perversa”, caso considerado atípico por não ter dados semelhantes no trabalho fonte e por ter sido dito apenas por uma informante, houve até mesmo dúvida por parte da pesquisadora, com isso a questão foi refeita, mas a informante reafirmou sua resposta.

As variantes lexicais foram listadas, descritas e computadas estatisticamente para maior compreensão dos dados, conforme explicação presente em cada descrição. A descrição das variantes está de acordo com os dicionários usados na pesquisa. Há um quadro com dados quantitativos, logo abaixo das descrições, que relatam a quantidade de ocorrências e em que situação se deu: masculino ou feminino, escolarizado ou analfabeto. Ao final de todas as variantes lexicais, há uma estatística quanto às ocorrências das variantes em relação ao sexo e, separadamente, em relação à escolaridade.

Com base no resultado obtido nas variantes lexicais, foi possível de se verificar que a variação se deu mais entre as mulheres, lembrando, porém, que a diferença entre homens e mulheres não foi grande, 40% e 36%, respectivamente. O momento que ambos os sexos mencionaram uma variante foi de apenas 24% das vezes. Portanto, isso faz com que se subentenda que as mulheres possuem maior acesso a informação por serem mais comunicativas e porque absorvem maior quantidade de palavras novas, por meio de conversas com colegas da cidade vizinha, quando vão ao centro da cidade para seus afazeres como compras, para levarem seus filhos à escola, médico etc.

Porém, quando houve a quantificação das variantes lexicais que surgiram entre alfabetizados e analfabetos, pôde-se notar que a diferença foi maior, 32% e 44%, respectivamente. Como foi dito ao final do capítulo das interpretações dos dados, supõe-se que os analfabetos possuem maior dificuldade de aquisições em seu vocabulário, podendo ser até mesmo por possuírem menores oportunidades de relacionamento com outras pessoas de origem local, como por falta de melhores condições empregatícias, menor contato com a cultura local, leituras, etc. E quanto à porcentagem em momento simultâneo entre os níveis de escolaridade, o resultado foi idêntico em relação a comparação entre os sexos, 24% das vezes em que foram questionados. Isso confirma que o uso da língua em diferentes espaços

geográficos resulta em dados estatísticos distintos quando feitos apenas por pessoas da mesma região. E são exatamente estas diferenças que enriquecem uma pesquisa sobre variantes lexicais.

Em um segundo momento do trabalho foi feita a listagem das variantes fônicas, mas sem maiores explicações ou descrições, pois sua função foi apenas mostrar os vocábulos que possuem maior ou menor quantidade de variação fônica que, em geral, coincidem com as variações fônicas do projeto ALMS (2007). Foi possível concluir que o que mais se diferencia de uma região a outra são as variantes lexicais, o significado das palavras.

Com base nessa observação de que há, ainda, influência nordestina no falar da comunidade da Colônia São Romão, considera-se que o ser humano pode, sim, adquirir novo vocabulário durante toda sua vida, de acordo com sua disponibilidade social, regional, cultural entre outros.

Esta pesquisa relatou as variações lexicais quanto a fatores regionais ou geográficos, conhecida como variação diatópica. Portanto, espera-se que com a leitura deste trabalho possa valorizar mais e desprezar menos as diferenças, independente de qual seja ela, social, cultural, racial, regional. E que sirva para aguçar a curiosidade de leitores e, sendo assim, incentivá-los a levantar novos estudos sobre o léxico e suas possíveis variações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2005, p. 21 – 47.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação Lexical**. 3. ed., São Paulo: Ática, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BERNARDINO, Bertrando. **Minidicionário de Pernambuco**. Recife: Bagaço, 2002, 202p.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)**. 2ª. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRIGHT, W. **As dimensões da Sociolingüística**. In: FONSECA, M. S. & NEVES, M. F. (Org.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística – Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2005, p. 49 – 75.
- DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo, Editora Cultrix, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª. Ed., Curitiba: Positivo, 2004.
- FERREIRA NETO, João. **Raízes de Coxim**. Ed. UFMS, Campo Grande - MS, 2004.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004, p. 07 – 28.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul**. 2. Ed. ampliada e revisada. Editora UFMS, Campo Grande - MS, 2002.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. **Princípios de Lingüística Geral**. 4. Ed. revista e aumentada. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro - RJ, 1967.

- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolingüística – O tratamento da variação**. 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, José Lemens. **Para compreender Labov**. Petrópolis: vozes, 2000.
- NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. Ed. Estação Liberdade, São Paulo - SP, 2004.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal Homem e Cultura**. Editora UFMS, Campo Grande - MS, 2002.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org). **Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul - ALMS**. 271 f. Editora UFMS, Campo Grande - MS, 2007.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata D'Água de Jessier Quirino**. 106 f. Dissertação de Mestrado em Fenômenos Lingüísticos: variação e mudança. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2006.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PIRES, Carisiane de Cássia. **Comunidade de Ingazeira: um estudo sociolingüístico**. Dissertação de Mestrado em Letras: estudos lingüísticos. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 3. ed., São Paulo, Cultrix, 1981. (título original, 1916b).
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. 7. ed. São Paulo, Ática, 2006.
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

I. QUESTIONÁRIO

Questionário Fonético-Fonológico

1.FAMÍLIA

Pai, mãe e filhos, que grupo formam?

2.HOMEM

Crescendo, a menina vira mulher. E o menino?

3.TIO

O que é seu o irmão de seu pai ou de sua mãe?

4.GENRO

O pai de sua mulher é seu sogro. E o senhor, o que é dele? (para informante masculino) ou O marido da senhora é o que do seu pai? (para informante feminino)

5.COMPADRE / COMADRE

O padrinho do filho fica sendo o nosso____ E a madrinha fica sendo nossa____

6.ADVOGADO

Que profissional contratamos para defender nossos interesses na justiça?

7.AMERICANO

Quem nasce no Brasil é brasileiro. E quem nasce na América do Norte ou Estados Unidos?

8.REVÓLVER

Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só?

9.PAZ

Se não quer ser incomodado, a gente diz: “Me deixa em ____”

10.MUITO

O contrário de pouco é____?

11.MENTIRA

Se não é verdade, então é____?

12.BOM

O Contrário de ruim é____?

13.CALOR

No inverno faz frio. E no verão faz___?

14.CALÇÃO

Como se chama a roupa que os homens usam para tomar banho de rio ou de mar?

15.FERVENDO

Quando a água da chaleira fica de soltar fumaça, a gente diz que ela está___?

16.CLARA E GEMA

No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome têm elas?

17.GORDURA

A carne de porco não é magra porque tem___?

18.FALAM

O que os papagaios fazem que nem a gente?

19.LESMA

Como se chama um bichinho que se arrasta bem devagar deixa um rasto parecido com cuspe?
(o parente do caramujo, que não tem caracol)

20.DIAS

Quanto tempo é uma semana? (Qual é o contrário de noite?)

21.FOLHINHA

Como se chama o calendário onde a gente arranca uma página todos os dias? (Qual é o outro nome dado para calendário?)

22.SANTO ANTÔNIO

Qual é o santo casamenteiro (que se festeja a 13 de junho)?

23.PROCISSÃO

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?

24.CRUZ

O que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (fazer mímica)

25.ARARA

Como se chamam aquelas aves de penas coloridas – amarelas, verdes, vermelhas e até azuis – que estão em extinção?

26.FLOR

Antes das plantas darem frutos, elas dão_____?

27.OVO/ OVOS

Aquilo que a galinha bota é o quê? Duas galinhas botam dois_____?

28.ARANHA

Inseto, com muitas perninhas, que faz uma rede, geralmente no telhado ou nas paredes das casas, para prender outros insetos?

29.TEIA

A rede construída pela aranha, como se chama?

30.PIOLHO

Como se chamam aqueles bichinhos que andam na cabeça das pessoas e dão uma coceira danada?

31.MOLEIRA

E aquela parte mole que as criancinhas têm na parte superior da cabeça?

32.CASPA

E aquele pó branco que algumas pessoas têm na cabeça?

33.TESTA

Como se chama isto? (apontar)

34.OLHO/ OLHOS

Para fazer pontaria nós temos que fechar um_____ Nós temos dois_____?

35.OUVIDOS

A gente ouve com os_____?

36.PULMÃO

Como se chama o órgão que enche de ar quando a gente respira?

37.UNHAS

Quando as pessoas estão nervosas, elas costumam roer as_____?

38.JOELHO

Como se chama esta parte do corpo? (mostrar)

39.ESPIRRO

Como se chama isso? (simular um espirro)

40.SOLUÇO

Como se chama esse som? (simular um soluço)

41.PADRINHO

O homem que batiza uma criança fica sendo o quê da criança?

42.MADRINHA

E a mulher que batiza fica sendo o quê da criança?

43.AGULHA

E o objeto fino, de metal, que se usa para costurar, como chama?

44.COLHER

O que se usa para tomar sopa?

45.GARFO

E para comer comidas secas, sem caldo?

46.FÓSFORO

Para acender o fogo, o cigarro, as pessoas usam palitos de___?

47.PORTA

E abertura na parede, feita para as pessoas passarem, como chama___?

Questionário Semântico-Lexical**I – NATUREZA****1) Fenômenos Atmosféricos****1.NUVEM**

Como se chamam aquelas manchas escuras que aparecem no céu quando vai chover?

2.FASES DA LUA

Quais as fases da Lua?

3.CÍRCULO NA LUA

a) Como se chama aquela roda que fica em volta da Lua?

b) Ela indica alguma coisa?

4.NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

Como se chama aquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância?

5. ESTRELA CADENTE

Como se chama aquela estrela que parece cair do céu?

6. ESTRELA D'ALVA

Como se chama aquela estrela grande que a gente vê até quando o dia está clareando?

7. TRÊS MARIAS

E aquelas estrelas que estão sempre juntinhas?

8. ARCO-ÍRIS

a) E as listras coloridas que aparecem no céu depois da chuva?

b) Outros nomes dados a isso?

9. CORES DO ARCO-ÍRIS

Quais as cores dessas listras?

10. GAROA

Que nome se dá à chuvinha miúda, demorada?

11. MANGA DE CHUVA

E a chuva de verão que dá e passa logo?

12. CHUVA DE PEDRA

E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva?

13. TEMPORAL

E aquela chuva com vento forte que pode até derrubar casas?

14. TROMBA D'ÁGUA

E a chuva forte, derramada, que alaga tudo e cai de repente?

15. TROVÃO

Como se chama aquele barulho que se escuta após o raio, antes ou depois da chuva?

16. RELÂMPAGO

E a claridade breve e rápida que aparece no céu, quando vai chover?

17. ORVALHO

E aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?

18. GEADA

Que nome se dá aquele frio tão intenso que cai neve e queima as plantações?

19. ENXURRADA

Água que fica correndo depois da chuva, enche as ruas e as calçadas?

20.ENCHENTE

Quando chove muito e os rios alagam, cobrindo tudo de água, o que se diz que está acontecendo?

2) Tempo**21.ONTEM**

Como se diz para o dia que passou, antes de hoje?

22.ANTEONTEM

O dia que foi antes desse dia?

23.HOJE

O dia que é agora?

24.AMANHÃ

O dia que vem depois do dia de hoje?

25.ESTAÇÕES DO ANO

Diga as partes do ano: quando as flores nascem; quando faz muito calor; quando as folhas caem; quando faz muito frio?

3) Flora**26.POMAR**

Que nome se dá a uma plantação de árvores frutíferas, geralmente perto de casa e cercada?

27.ÁRVORES COMUNS

- a) frutíferas;
- b) não frutíferas.

28.MADEIRA DE LEI

Quais árvores que dão madeira de lei?

29.ÁRVORES MEDICINAIS

- a) Quais as árvores medicinais que conhece?
- b) Quais as partes que servem de remédio?

30.FRUTA

O que cresce em certas árvores e serve para comer?

31.MEXERICA

E o nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão?

32.GOIABA

E aquela fruta que se come com casca e tudo e que pode ter bicho dentro dela?

33.ESPÉCIES DE BANANAS

Quais as espécies de banana que você conhece?

34.CACHO

Para colher as bananas o que se corta?

35.UMBIGO

Como se chama aquela parte roxa que fica na parte de baixo do cacho de banana?

36.GÊMEAS

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

37.COMGUMELOS

E aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres?

38.ERVAS MEDICINAIS

Quais as ervas medicinais que você conhece?

39.PLANTAS QUE DÃO SORTE

Quais as plantas que dão sorte e que as pessoas costumam plantá-las na frente de casa ou no quintal?

4) Fauna**40.PÁSSAROS SELVAGENS**

Quais os pássaros do mato, do banhado, que tem por aqui?

41.GARÇA

Como se chama aquela ave, geralmente branca, de pescoço fino, muito comum, principalmente nos campos, no meio do gado?

42.ESPÉCIES DE GALINHAS

Quais as espécies de galinhas que você conhece?

43.POTRILHO

O cavalo bem novinho, como se chama?

44.ARREIO

Peças que se colocam sobre o cavalo para montar nele?

45.ARREADO

Como se diz quando o cavalo está pronto para ser montado?

46.APEAR

Descer do cavalo é...

47.TOURO

Como é chamada a rês reprodutora não castrada?

48.BEZERRO

E a rês bem novinha, como é chamada?

49.SOBREANO

E o bezerro com mais de um ano e menos de dois?

50.UM SÓ CHIFRE / TRONCHO

Como se chama o animal que só tem um chifre?

51.MOCHO

E o animal sem chifre?

52.BAGUAL

E aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

53.ESPÉCIES DE PEIXES

Que tipos de peixes são comuns nos rios daqui?

54.MUÇUM

E aquele peixe comprido, que se parece com uma cobra?

55.ESPÉCIES DE COBRAS

Quais as cobras mais conhecidas por aqui?

56.SUCURI

E aquela cobra bem grossa, que chega a ter até mais de 12 metros de comprimento e que pode engolir animais como bezerros, galinhas...?

57.ESPÉCIES DE TATU

Quais as espécies de tatu que você conhece?

58.VAGA-LUME

E o inseto que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?

II) HOMEM**5) Corpo****59.CABEÇA**

Como se chama isto? (mostrar)

60.CÉREBRO

O que se tem dentro da cabeça?

61.CEROTO

Que nome se dá àquela cerinha que as pessoas tiram do nariz com o dedo?

62.TORNOZELO

E este osso? (mostrar)

63.CALCANHAR

E esta parte do pé?

6) Doenças mais comuns**64.GRIPE**

Quando uma pessoa espirra muito, tem dores no corpo, o nariz escorre, é certo que está com...?

65.DOR D'OLHOS

Como se chama aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados?

66.TERÇOL

E aquele que é pequeno tumor que nasce nas pálpebras? (mostrar)

67.ICTERÍCIA

Doença que deixa as pessoas com os olhos amarelados e só se cura com picão?

68.DOENÇAS DE CRIANÇAS (sapinho, quebranto, etc)

Quais as doenças mais comuns nas crianças?

69.PANARÍCIO

Como se chama aquele tumor que dá na ponta dos dedos da mão?

70.CARNICÃO

E aquele negócio duro que fica dentro do tumor?

71.FRIEIRA

E a doença que dá no meio dos dedos dos pés, provocando coceira?

72.TORCICOLO

O que tem a pessoa que não pode mover a cabeça, com dor no pescoço?

73.TUBERCULOSE

E aquela doença que ataca os pulmões e deixa as pessoas muito magras e com tosse?

74.ERISIPELA

E aquela inflamação que deixa parte da pele avermelhada, principalmente na perna, podendo até dar febre?

75.DOR DE BARRIGA

Quando se come demais ou alguma coisa faz mal, como se chama aquele mal-estar que se sente?

76.DIARRÉIA

E se alguém, depois disso, necessita ir ao banheiro toda hora, o que se tem?

77.SARNA

Uma doença da pele que dá uma coceira que não cessa? Pode-se pegá-la de animais.

7) Características físicas

78.CAOLHO (ZAROLHO)

E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro?

79.VESGO (OLHO TORTO)

E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece estar olhando para um lado e para outro ao mesmo tempo?

80.PERNETA

E a pessoa que só tem uma perna?

81.SARACURA

Como se diz para a mulher que tem as pernas muito finas e compridas?

82.CORCUNDA

E a pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueada?

83.GAGO

E quem tem dificuldade de falar o que é?

84.FANHOSO

E a pessoa que fala pelo nariz?

8) Cultura e convívio

85.NEGRO

As pessoas que têm a pele bem escura, como são chamadas?

86.ÍNDIO

E as pessoas que têm os cabelos bem pretos e lisos e têm a pele escura?

87.MULATO

E as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro?

88.TRAQUINA

Uma criança que faz arte e mexe em tudo, como é chamada?

89.FACEIRA

A pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida?

90.PROSTITUTA

E a mulher de vida fácil, que vende o corpo?

91.CHIFRUDO

E o homem casado que é enganado pela mulher?

92.BÊBADO

Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está...?

93.BENZEDEIRA

A pessoa que cura as outras com orações é?

94.CURANDEIRA

A pessoa que cura as outras através de remédios caseiros, de garrafadas é?

95.PARTEIRA

A mulher que ajuda as crianças a nascer é?

96.DISSIMULADA

Pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age muito diferente é?

9) Ciclos da Vida**97.PAGÃ**

Como se chama a criança ainda não batizada?

98.CRISTÃ

E a criança recém batizada?

99.GUACHO

Qual o nome que se dá à pessoa ou animal que se criou sem o leite materno?

100.AMA DE LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra pessoa amamenta a criança, que nome se dá a essa mulher?

101.CAÇULA

O filho que nasceu por último é o ...?

102.NOIVADO

Quando namorados trocam anéis isso se chama?

103.AMASIADO

Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê?

10) Alimentação e utensílios

104.COMIDAS PREFERIDAS

Quais as comidas preferidas por aqui?

105.NOMES DAS REFEIÇÕES

a) quantas refeições vocês fazem?

b) qual o nome de cada uma?

106.DE VEZ

A fruta que não está nem madura nem verde, está...?

107.TERERÉ

Como se chama aquela bebida refrescante, feita com erva-mate e água gelada?

108.MATE

E se a bebida for feita com erva-mate e água quente?

109.MATULA

Como se chama aquela comida que as pessoas levam para comer durante a viagem, geralmente os vaqueiros?

110.MORINGA

E aquela vasilha pequena de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber?

111.LAMPARINA

Quando não há luz elétrica, o que se usa para iluminar a casa durante a noite? (citar todos que conhece)

11) Habitação

112.SOBRADO

Que nome se dá à casa que possui dois andares e degraus para a gente subir?

113.RANCHO

Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?

114.TIPOS DE RANCHO

Quais os tipos de rancho que você conhece?

115.BARROTE

De que são feitas as paredes dos ranchos?

116.CASA SEDE

Como se chama a casa do fazendeiro, do patrão?

12) Trabalho e atividades agropastoris

117.TIPOS DE TERRA

Existem terras de várias cores. Que nome se dá a esses diferentes tipos de terras?

118.FÉRTIL

Que nome se dá à terra onde tudo que se planta cresce bem?

119.ESTÉRIL

E a terra ruim, onde é difícil crescer alguma coisa?

120.PRODUTOS MAIS CULTIVADOS

Quais os produtos agrícolas mais cultivados por aqui?

121.AGRICULTOR

Como se chama a pessoa que planta e colhe esses produtos?

122.INSTRUMENTOS USADOS

Quais os instrumentos agrícolas mais usados?

123.ARAR

Aquele instrumento puxado por boi ou cavalo, é usado para quê?

124.ROÇAR

Como se diz quando se vai preparar a terra, derrubando o mato baixo?

125.CARPIR

Quando se vai limpar o matinho com a enxada diz-se que vai se fazer o quê?

126.DEBULHAR

Quando vai separar os grãos da espiga, diz-se que se vai fazer o quê?

127.ESPÉCIES DE MANDIOCA

Quais as espécies de mandioca que você conhece?

128.TIPOS DE FEIJÃO

Quais os tipos de feijão que você conhece?

129.VAGEM

Os grãos de feijão ficam dentro de quê?

130.MEIOS DE TRANSPORTE

Em que se transporta a colheita da roça para casa ou para a cidade?

131.REBOQUE/CARRETINHA

Como se chama o veículo de carga puxado por outro veículo?

132.CAPATAZ

Como se chama a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está?

133.ARRENDATÁRIO

Como se chama a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar?

134.BOIADEIRO

Como se chama a pessoa que compra e vende gado?

135.PEÃO CAMPEIRO

Como se chama a pessoa que é paga para realizar o trabalho de campo nas fazendas?

136.PEÃO PRAIEIRO/CASEIRO

Como se chama a pessoa que é paga para realizar o trabalho em volta da sede de uma propriedade rural?

137.CHANGUEIRO

Como se chama a pessoa que não tem trabalho fixo, realiza um serviço aqui, outro ali?

13) Brinquedos e diversões**138.CABRA-CEGA**

Como se chama aquela brincadeira quando uma das crianças, com os olhos cobertos com um pano, procura as outras que estão na brincadeira?

139.PANDORGA

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha?

140.ARAPUCA

Como se chama a armadilha que os meninos fazem para pegar passarinhos?

141.MÚSICAS/DANÇAS

a)Quais as músicas mais tocadas aqui?

b)E as danças preferidas nas festas?

142.SANTOS FESTEJADOS

Quais os santos mais festejados?

14) Outros**143.TARTARUGA/QUEBRA-MOLAS**

Como se chama aquela parte um pouco mais alta feita no asfalto para que os carros passem mais devagar?

144.JAMANTA

Como se chama aquele caminhão enorme que serve para carregar cargas pesadas?

145.SESTA

Como se chama aquela hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam e tiram uma soneca?

146.RODOVIA

Que nome se dá à estrada asfaltada que liga cidades, Estados, regiões?

147.MEIOS DE TRANSPORTES FLUVIAIS

Que tipos de embarcações são usadas como meio de transporte nos rios?

III) Superstições, Simpatias e Lendas**148.SORTE E AZAR**

As pessoas costumam acreditar em coisas que dão sorte e que dão azar. O que acha que dá sorte? E azar?

149.SIMPATIAS

Quais as simpatias que você conhece?

150.LENDAS E MITOS

Quais as lendas que você conhece?

151.APARIÇÕES E “CAUSOS”

Fale sobre aparições e causos interessantes aqui da região.

152.NARRATIVA: Conte um fato de sua infância de que nunca se esqueceu até hoje.

FICHA DO INFORMANTE - 01**1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais****Nome:** M. L. R. S.**Apelido:** Veinha**Local de nascimento:** Rio Verde - GO**Sexo:** feminino**Estado civil:** casada**Profissão:** dona de casa**Idade:** 48 anos**Grau de Instrução:**

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo ()

Domicílio**Endereço atual:** Colônia São Romão**Morou sempre em:** há 20 anos na Colônia**Até aos 08 anos****morou em:** Rio Verde

Dos 20 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens**No estado de MS:** Coxim, Campo Grande**Fora do estado de MS:** Santa Rita - GO**Serviço Militar****Prestou em:** no ano de:**Contatos Lingüísticos****Particularidades de Articulação****2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE****Naturalidade do pai:** Pernambuco - PE**Naturalidade da mãe:** Pernambuco - PE**Naturalidade do cônjuge:** Pernambuco - PE**3- DADOS DO INQUÉRITO****Local:** Colônia São Romão**Data:** 19/05/2007**Inquiridor:** Paloma Conde Camillo da Silva**4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:**

FICHA DO INFORMANTE - 02**1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais****Nome:** M. B. S. A.**Apelido:****Local de nascimento:** Cuiabá - MT**Sexo:** feminino**Estado civil:** casada**Profissão:** dona de casa**Idade:** 53 anos**Grau de Instrução:**

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo ()

Domicílio**Endereço atual:** Colônia São Romão**Morou sempre em:** há 20 anos na Colônia**Até aos 33 anos****morou em:** Fazenda em MT

Dos 33 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens**No estado de MS:** não**Fora do estado de MS:** não**Serviço Militar****Prestou em:****no ano de:****Contatos Lingüísticos****Particularidades de Articulação****2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE****Naturalidade do pai:** Cuiabá - MT**Naturalidade da mãe:** Cuiabá - MT**Naturalidade do cônjuge:** Cuiabá - MT**3- DADOS DO INQUÉRITO****Local:** Colônia São Romão**Data:** 19/05/2007**Inquiridor:** Paloma Conde Camillo da Silva**4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:**

FICHA DO INFORMANTE - 03**1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais****Nome:** M. G.**Apelido:****Local de nascimento:** Pernambuco - PE**Sexo:** feminino**Estado civil:** casada**Profissão:** servente**Idade:** 53 anos**Grau de Instrução:**

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo (X)

Domicílio**Endereço atual:** Colônia São Romão**Morou sempre em:** Mato Grosso do Sul**Até aos 33 anos****morou em:** Rio Negrinho - MS

Dos 33 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens**No estado de MS:** não**Fora do estado de MS:** não**Serviço Militar****Prestou em:****no ano de:****Contatos Lingüísticos****Particularidades de Articulação****2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE****Naturalidade do pai:** Pernambuco - PE**Naturalidade da mãe:** Pernambuco - PE**Naturalidade do cônjuge:** Pernambuco - PE**3- DADOS DO INQUÉRITO****Local:** Colônia São Romão**Data:** 19/05/2007**Inquiridor:** Ana Carina Ribeiro e Beatrice G. A. M. Oliveira**4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:**

FICHA DO INFORMANTE - 05**1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais****Nome:** S. J. V. N.**Apelido:** Bill**Local de nascimento:** Pernambuco - PE**Sexo:** masculino**Estado civil:** casado**Profissão:** agricultor**Idade:** 62 anos**Grau de Instrução:**

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo ()

Domicílio**Endereço atual:** Colônia São Romão**Morou sempre em:** há 29 anos na Colônia**Até aos 33 anos****morou em:** Pernambuco - PE

Dos 33 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens**No estado de MS:** não**Fora do estado de MS:** não**Serviço Militar****Prestou em:** Dispensado **no ano de:****Contatos Lingüísticos****Particularidades de Articulação****2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE****Naturalidade do pai:** Pernambuco - PE**Naturalidade da mãe:** Pernambuco - PE**Naturalidade do cônjuge:** Mato Grosso do Sul - MS**3- DADOS DO INQUÉRITO****Local:** Colônia São Romão**Data:** 19/05/2007**Inquiridor:** Ana Carina Ribeiro e Beatrice G. A. M. Oliveira**4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:**

FICHA DO INFORMANTE - 06**1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais****Nome:** L. D.**Apelido:** Luca**Local de nascimento:** Alagoas - AL**Sexo:** masculino**Estado civil:** casado**Profissão:** lavrador**Idade:** 62 anos**Grau de Instrução:**

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo (X)

Domicílio**Endereço atual:** Colônia São Romão**Morou sempre em:** há 43 anos na Colônia**Até aos 19 anos****morou em:** Alagoas - AL

Dos 19 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens**No estado de MS:** Aquidauana - MS**Fora do estado de MS:** não**Serviço Militar****Prestou em:** Coxim - MS **no ano de:** 1964**Contatos Lingüísticos****Particularidades de Articulação****2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE****Naturalidade do pai:** Alagoas - AL**Naturalidade da mãe:** Alagoas - AL**Naturalidade do cônjuge:** Coxim - MS**3- DADOS DO INQUÉRITO****Local:** Colônia São Romão**Data:** 19/05/2007**Inquiridor:** Paloma Conde Camillo da Silva**4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:**

FICHA DO INFORMANTE - 07

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: A. A.

Apelido: Quelé

Local de nascimento: Mato Grosso do Sul - MS

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Profissão: vereador

Idade: 62 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Mobral ()

Primário Completo (X)

Domicílio

Endereço atual: Colônia São Romão

Morou sempre em: há 35 anos na Colônia

Até aos 27 anos

morou em: Rio Verde - GO

Dos 27 anos até o momento reside em Coxim – MS, Colônia São Romão

Viagens

No estado de MS: não

Fora do estado de MS: não

Serviço Militar

Prestou em: Coxim - MS **no ano de:** 1964

Contatos Lingüísticos

Particularidades de Articulação

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: São Paulo - SP

Naturalidade da mãe: Bahia - BA

Naturalidade do cônjuge: Pernambuco - PE

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Colônia São Romão

Data: 19/05/2007

Inquiridor: Ana Carina Ribeiro e Beatrice G. A. M. Oliveira

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:

I. FOTOS DOS INFORMANTES

Informante 1



Informante 2

Informante 3



Informante 4

Informantes 5 e 6 (direita e esquerda, respectivamente)



Informante 7



Informante 8

